



Biblioteca Rio-Grandense: estudos de cunho biblioteconômico, histórico e literário

**CLAUDIO OMAR IAHNKE NUNES
DEROCINA ALVES CAMPOS SOSA
FRANCISCO DAS NEVES ALVES (ORG.)
LUCIANA COUTINHO GEPIAK**

161



**Biblioteca Rio-
Grandense: estudos de
cunho biblioteconômico,
histórico e literário**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Claudio Omar Iahnke Nunes
Derocina Alves Campos Sosa
Francisco das Neves Alves (org.)
Luciana Coutinho Gepiak

Biblioteca Rio- Grandense: estudos de cunho biblioteconômico, histórico e literário



**BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE**

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Biblioteca Rio-Grandense: estudos de cunho biblioteconômico, histórico e literário
- Organizador: Francisco das Neves Alves
- Autores dos capítulos: Claudio Omar Iahnke Nunes, Derocina Alves Campos Sosa Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 161
- Composição & Paginação: do organizador
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-148-4

CAPA: Desenho gerado a partir de inteligência artificial do prédio da Biblioteca Rio-Grandense, reproduzindo fotografia que compõe o acervo desta casa cultural

SUMÁRIO

**João Barbosa Coelho: precursor da
Biblioteconomia rio-grandense-do-sul / 11**

Claudio Omar Iahnke Nunes

**A hemeroteca da Biblioteca Rio- Grandense e a
construção de uma tese / 37**

Derocina Alves Campos Sosa

**Abeillard Barreto, a Biblioteca Rio-Grandense e a
Coleção Montenegro / 63**

Francisco das Neves Alves

**A Biblioteca Rio-Grandense, Revocata Heloísa de
Melo, o *Corimbo* e o Clube Gaspar Martins / 103**

Luciana Coutinho Gepiak

João Barbosa Coelho: precursor da Biblioteconomia rio-grandense-do-sul

Claudio Omar Iahnke Nunes*

Todos os anos, a comemoração do aniversário da *Bibliotheca* Rio-Grandense é uma oportunidade para que voltemos nosso olhar para o passado, procurando compreender melhor nosso presente e vislumbrar como poderá ser nosso futuro. Neste ano, surge mais uma oportunidade que nos convida a aprofundar tal escrutínio, propiciando a que os pares da comunidade científica examinem criticamente reflexões ainda em elaboração sobre alguns aspectos da história da *Bibliotheca* Rio-Grandense.

Vários eruditos e autores consagrados, muitos deles distinguidos com o epíteto de *homens de letras*, se dedicaram a escrutinar os registros históricos de nossa *Bibliotheca*, afã que está na origem dos textos mormente publicados nos jornais locais. Tais fontes foram pesquisadas e organizadas, dentre outros, pelo professor

* Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio Grande. Doutor em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP.

Francisco das Neves ALVES¹, sendo sua obra, até o momento, a que melhor serve como fonte para novos estudos que ainda possam ser realizados. Nessa condição, sua obra serviu como guia às leituras que emprestam lastro ao que se argumenta neste texto.

A propósito da menção anterior à categoria *homens de letras*, tão comum no século XIX e primeira metade do século passado, é verdade que de João Barbosa Coelho não há obra que se conheça, diferentemente dos intelectuais que se dedicaram ao estudo da história da *Bibliotheca*. Porém, não haveria *homens de letras* sem que existissem *homens letrados*, aptos a absorver a produção literária, científica e artística dos primeiros. Por isso, é justo que se lhe conceda o pertencimento à categoria dos intelectuais da época, quando menos por ter sido, primeiro, um cidadão letrado² num tempo em que esta condição era bastante rara, e, segundo, por ter assumido o título de bibliotecário. Isto mesmo, no longínquo 15 de agosto de 1846, quando era comum se designar destacados *homens de letras* como *bibliotecários*, costume que a jovem nação brasileira herdou da tradição europeia, Barbosa Coelho, ao arregimentar um grupo de cidadãos e com eles criar o Gabinete de Leitura do Rio Grande, não titubeou: assumiu-se ele próprio como *bibliotecário*. Foi com este título que subscreveu a ata de fundação do Gabinete de Leitura do Rio Grande. E é esta peculiaridade que enseja

¹ ALVES, Francisco das Neves. **Biblioteca Rio-Grandense:** textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura. Rio Grande: FURG, 2006. 126 p..

² FONTOURA, Edgar, *apud* ALVES, Francisco das Neves. Id., p. 47.

a que este escriba ouse acrescentar suas próprias linhas ao debate sobre a história da *Bibliotheca* Rio-Grandense. Por que? Ora, pela singela razão de que é bibliotecário de formação. Mais, porque obteve sua formação na FURG, que deve parte de sua existência à veneranda Rio-Grandense.

Assim, à guisa de justificativa, se é quase impossível acrescentar-se algo ao tanto que já se escreveu a propósito do tema, resta ao menos uma tarefa em aberto: o exame do fato histórico de que o guarda-livros João Barbosa Coelho foi o pioneiro da Biblioteconomia do Rio Grande do Sul, quando chamou para si o honroso encargo de ser o *bibliotecário* do Gabinete de Leitura do Rio Grande. Tendo sido o mentor e articulador do grupo de rio-grandinos que fundou a novel entidade, desse fato decorreria com mais naturalidade que lhe fosse concedida a incumbência de presidi-la. Mas não foi o que aconteceu, já que Barbosa Coelho preferiu trabalhar como integrante da *Comissão Bibliographica*, do que, para que não restassem dúvidas, assinou a própria ata de fundação do Gabinete de Leitura como *bibliotecário*.

É este o objetivo deste texto, redigido num momento crucial para a *Bibliotheca* Rio-Grandense, haja vista as profundas transformações em curso no domínio das técnicas de coleta, processamento e difusão de informações, que afetam sua organização e, mesmo, sua existência. Isto como se já não bastassem os outros problemas com que se depara, decorrentes de mudanças em outras esferas (da economia, organização da sociedade, cultura e atuação do Estado), que afetam o município de Rio Grande e, por conseguinte, a *Bibliotheca*. Tais transformações são, de certo modo, tão

desafiantes quanto aquelas com que se depararam Barbosa Coelho e seus abnegados parceiros de pioneirismo, quando, transcorrido pouco mais de um ano da cessação do longo conflito bélico que assolara a Província, tiveram a ousadia de propor, criar e fazer funcionar o Gabinete de Leitura, ainda que precariamente, como registram as fontes históricas que serão examinadas neste texto.

Na atualidade, o impacto das mencionadas transformações não se circunscreve à Rio-Grandense; mais do que isso, afetam com intensidade idêntica ou superior as práticas documentárias como um todo, como se procurará demonstrar neste texto – respeitados os limites de espaço próprios de uma comunicação apresentada em congresso. Sendo assim, junta-se o curso de Biblioteconomia da FURG à *Bibliotheca* Rio-Grandense como objeto destas reflexões, mercê de sua curta existência – se comparado com o tempo de vida daquela instituição. Os tantos anos de trajetória do curso escassamente permitiram o estabelecimento de frágeis fundações sobre as quais seus professores, estudantes e egressos tentam construir uma tradição. Pelo seu turno, a Rio-Grandense já a tem solidamente estabelecida no imaginário social *papa-areia*³ – ao ponto de a maioria da população atribuir-lhe a condição de “biblioteca pública”. De fato ela o é, embora poucos saibam que vem sendo mantida ao longo de seus 180 anos pelas mensalidades de seus associados. Com alguma intermitência e a duras penas tem havido aportes pecuniários doados por empresas, por pessoas da

³ Alcinha originalmente atribuída aos rio-grandinos pelos vizinhos pelotenses.

comunidade ou transferidos pelo poder público municipal.

Mas, como tudo começou? Registram os cronistas que, em 15 de agosto de 1846, pouco tempo após sua chegada a Rio Grande, naquele momento apenas um jovem de 27 anos, João Barbosa Coelho conseguiu um feito inédito na história do Rio Grande do Sul: a criação e instalação efetiva do primeiro Gabinete de Leitura da Província. É bem verdade que Athos Damasceno FERREIRA nos dá notícia de que um grupo de porto-alegrenses, em momento anterior ao feito de Barbosa Coelho, tentara criar um gabinete de leitura. Esta iniciativa, porém, tomou outro destino: resultou na criação de uma loja maçônica na capital da Província, de modo que o pretendido gabinete de leitura ficou apenas nas boas intenções⁴.

Há registro de outra tentativa, também anterior a 1846, de criação de outro gabinete de leitura. Ainda segundo FERREIRA, agora sob os auspícios do Governo da República de Piratini, que determinara, em pleno curso da Revolução Farroupilha, por decreto, em 11 de novembro de 1836, a criação de um gabinete de leitura, tendo os dirigentes republicanos dado o mesmo por instalado, em 1839. Contudo, não há registros que esclareçam onde tal instituição teria sido instalada, ainda que documentos examinados por FERREIRA apontem mesmo a determinação de providências administrativas para a formação e desenvolvimento da coleção do que

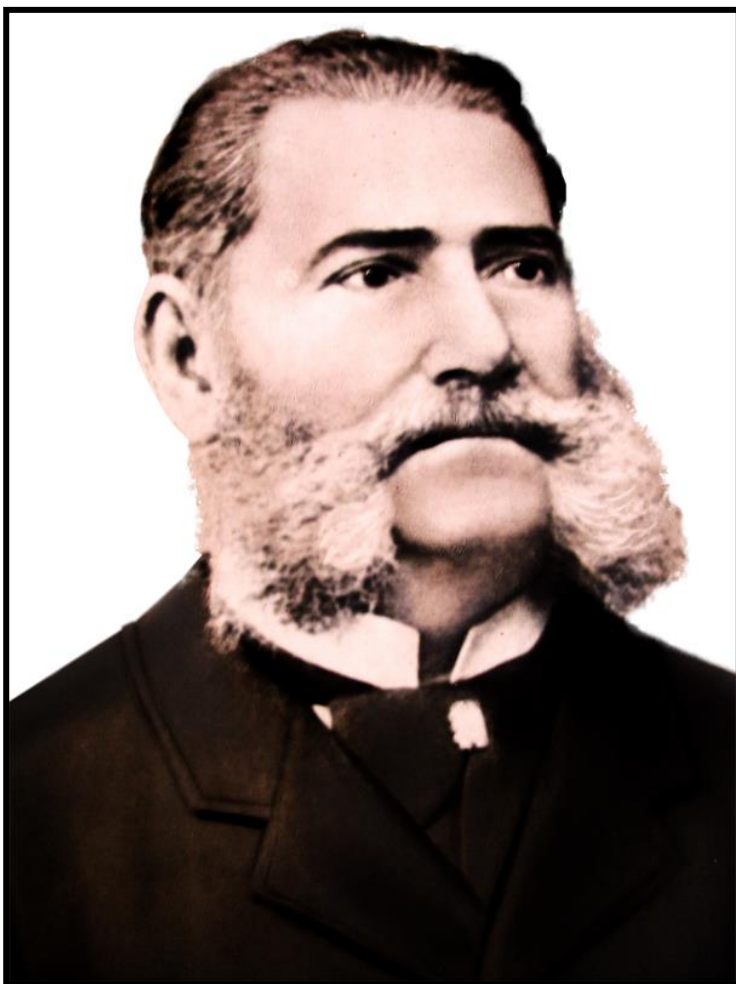
⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul: século XIX. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sul; Brasília: INEP, 1973, p. 12 e ss.

era para ser o primeiro gabinete de leitura rio-grandense. Finalizando seu relato sobre este episódio, FERREIRA afirma que o mencionado gabinete não entrou em funcionamento, sendo que também não se tem notícia do destino que foi dado ao acervo que teria sido reunido – se é que a iniciativa chegou a tanto⁵.

Voltemos ao princípio de tudo. Afinal, quem foi João Barbosa Coelho? Este marcante personagem da história cultural rio-grandina foi um cidadão português, nascido na cidade do Porto, em 20 de março de 1819. Em 1828, veio com sua família para o Brasil, com breve passagem pela cidade de Salvador. Estabeleceu-se sua família no Rio de Janeiro, onde o jovem João realizou seus estudos, findo os quais se decidiu pela profissão de guarda-livros (o que atualmente corresponderia à profissão de Contador). Mais adiante, aos 26 anos, em 21 de outubro de 1845, mudou-se para Rio Grande, determinado a exercer aqui sua profissão, possivelmente atraído pelas perspectivas de expansão das atividades comerciais que se delineavam à época⁶.

⁵ Id., *ibid*.

⁶ Talvez a evidência mais ilustrativa desse fato, e que tenha chegado ao conhecimento de Barbosa Coelho, tenha sido a fundação da *Praça de Commercio*, em 26.09.1844 (atual Câmara de Comércio), menos de dois anos antes da fundação do próprio Gabinete de Leitura.



João Barbosa Coelho⁷

⁷ Cópia digitalizada de fotografia pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Os registros biográficos disponíveis descrevem João Barbosa Coelho como um homem “... possuidor de boas qualidades como inteligência e lutador, [que] conquistou logo muitas amizades”⁸. Tanto é assim que conseguiu empregar-se na Casa Comercial de Manoel Marques das Neves Lobo, vindo a tornar-se sócio da mesma empresa após alguns anos. Casou-se com a rio-grandina Joaquina Cardoso, com quem teve três filhos, sendo dois homens e uma mulher. A todos providenciou boa educação, formando os dois filhos homens. Dotada de pendores artísticos, a filha fez uma escultora meritória. Porém, foi atingindo por tragédias familiares, falecendo-lhe os filhos logo após suas formaturas. Não cessou aí seu calvário familiar, eis que perdeu também a filha, ainda moça, pouco tempo após o falecimento dos filhos.

Mercê desses padecimentos, não arrefeceu sua generosidade. Além da dedicação e entusiasmo com que se entregara ao projeto de criação do Gabinete de Leitura, quando herdou expressivo patrimônio em decorrência do falecimento de seus pais, não hesitou em socorrer financeiramente hospitais e asilos, legando em testamento grande parte de seus bens para a Santa Casa de Misericórdia, Beneficência Portuguesa e para a entidade a que dera existência, a *Bibliotheca* Rio-Grandense.

Segundo Francisco das Neves ALVES, Barbosa Coelho retornou ao Rio de Janeiro “por volta de 1865” e,

⁸ HEINZ, Vera Regina Portella. Biblioteca Rio-Grandense: o percurso de uma instituição cultural. In: _____. **Biblioteca Rio-Grandense: espaço de sociabilidade e práticas culturais.** Rio Grande: FURG, 2000. p. 26-8. (Monografia).

pouco depois, a Lisboa, onde estabeleceu residência definitiva. Talvez sua decisão tenha sido influenciada pelas vicissitudes familiares, haja vista que em Rio Grande fizera não apenas fortuna, mas prestara inestimáveis serviços ao desenvolvimento cultural da cidade, como atestam os registros históricos⁹. Pelo seu caráter e ações, semeara simpatias e amizades. O ambiente social lhe era acolhedor. Porém, decidiu-se pelo retorno ao Rio de Janeiro e, algum tempo depois, pelo regresso a Portugal. Pouco antes de completar 90 anos, veio a falecer em 11 de janeiro de 1909, em Lisboa, onde fixara residência, legando aos rio-grandinos exemplos de vida e sua majestosa obra, que desafia os tempos.

Estes são os fatos, sobre os quais a investigação histórica até aqui não aponta maiores controvérsias. Resumindo: duas tentativas frustradas de instalação de um gabinete de leitura. A primeira, pelo desejo de um grupo de maçons; a segunda, oficial, sob os auspícios do governo republicano. Pacificada a Província, enfim, registram os anais da história que a iniciativa bem sucedida foi liderada por um jovem, português de berço, recém-chegado da Corte.

Fora em tempos atuais e se a qualificaria como uma iniciativa “comunitária” ou da “sociedade civil” – ou, quiçá, de uma “ong”, como está em moda. O que se lê na imprensa da época sugere que o fato sacudiu a pequena Rio Grande, despertando entusiasmo, sem que isso impedisse algumas mal-querenças¹⁰. Graças ao

⁹ ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. p. 97.

¹⁰ GABINETE de Leitura. **O Rio-Grandense**, Rio Grande, RS, ano 3, n. 160, 6 fev. 1847, p. 1, c. 1-3; p. 2, c. 1.

apoio que recebeu de outros 26 cidadãos¹¹, com Barbosa Coelho tiveram eles a honra de entrar para a história como fundadores da novel entidade¹². Dos que se opuseram, não há registros nos anais da história, afora uma que outra querela judicial, como aquela que quase leva os próprios do Gabinete de Leitura à hasta pública, do que foi salvo pela generosidade de outro rio-grandino ilustre: Francisco Antônio Afonso, Barão de Santa Isabel, que, em 1876, pagou uma vultosa dívida (de controversa origem), cobrada judicialmente pelo ex-tesoureiro do próprio Gabinete, Manuel Alves Pinto¹³.

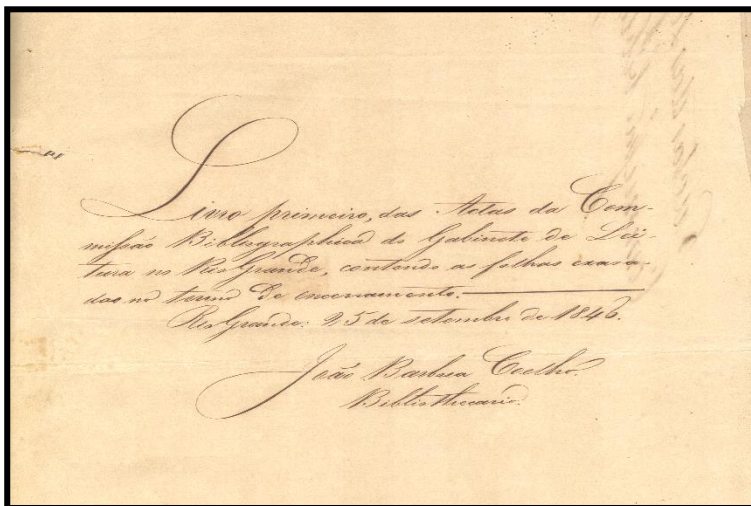
A histórica reunião de 15 de agosto de 1846 foi realizada por iniciativa de João Barbosa Coelho, que convidou pessoas de suas relações, com a finalidade explícita de criar um gabinete de leitura. Vários dos cidadãos que atenderam ao chamado eram jovens como ele, talvez sequiosos de poder compartilhar os bens do espírito que os livros, escassos na cidade, podiam proporcionar. Por que mais teriam aceito o convite? Talvez pelo custo elevado dos livros, à época. Talvez pela admiração com a ousadia daquele jovem recém-chegado. Talvez pela natureza do projeto, em tudo avesso aos recentes esforços de guerra. O fato é que vieram à reunião. Abertos os trabalhos, sob a coordenação de Barbosa Coelho, todos concordaram em criar a entidade, elegendo naquele momento uma Diretoria Provisória, a quem coube a elaboração da

¹¹ Dos 27 sócios fundadores, incluindo Barbosa Coelho, 22 (ele incluído) compareceram à sessão de instalação do Gabinete de Leitura, em 15 de agosto de 1846.

¹² ALVES, Francisco das Neves. Op. cit. p. 121-2.

¹³ HEINZ, Vera Regina Portella. Op. cit., p. 26-8.

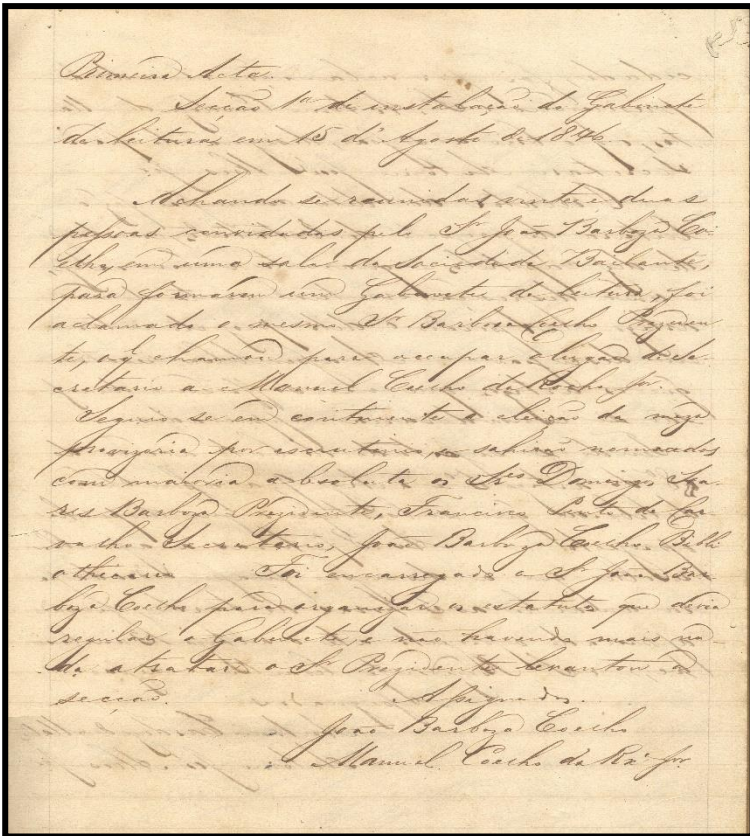
proposta de estatutos e demais providências formais que tornassem possível a entrada em funcionamento do Gabinete.



Termo de abertura do livro primeiro das atas da *Comissão Bibliographica*¹⁴

Em pouco mais de um mês, a 23 de setembro de 1846, agora em assembleia regularmente convocada, pela imprensa, foi eleita a primeira Diretoria, já com os estatutos aprovados. O que se quer destacar neste texto, *data vênia*, ainda não mereceu o devido exame dos pesquisadores: o conteúdo do termo de abertura do livro de atas (cópia nesta página anterior) e no corpo da ata de eleição da primeira Diretoria (cópia na página seguinte).

¹⁴ Cópia digitalizada do original pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

Primeira Ata¹⁵

Nesses documentos, João Barbosa Coelho é inequivocamente qualificado como *BIBLIOTHECARIO*. O Termo de abertura é indiscutivelmente de sua lavra, sendo inclusive por ele subscrito. As diferenças

¹⁵ Cópia digitalizada do original pertencente ao acervo da Biblioteca Rio-Grandense.

caligráficas (sem que se tenha feito uma perícia) entre o Termo e a Ata sugerem que a lavra da segunda é de Manuel Coelho da Rocha Jr. E não poderia ser de outro, pois que este foi designado Secretário da sessão de instalação, como consta na própria Ata, às linhas 10 e 11. Mais adiante, nas linhas 16 e 17, está assentado o incontestável registro de que João Barbosa Coelho foi eleito pelos seus pares como *Bibliothecario* da *Comissão Bibliographica*. Passou-se naquela eleição algo que enaltece o homem que propôs a criação e coordenou os trabalhos iniciais de constituição do Gabinete de Leitura: aceitou ser conduzido ao cargo de *bibliothecario* quando poderia, se quisesse, ser o Presidente do Gabinete de Leitura. Aliás, o foi por pouco mais que um mês, quando se desincumbiu de mais uma complexa tarefa: a elaboração da proposta de estatuto da entidade.

Este é o fato que se queria evidenciar. Por isso, o Termo de Abertura do livro primeiro e a Primeira Ata da *Comissão Bibliographica* são documentos históricos tão importantes para a Biblioteconomia gaúcha e brasileira. Do exposto só há uma conclusão possível: João Barbosa Coelho é o primeiro cidadão rio-grandense-do-sul a assumir-se *bibliotecário* – e a ser eleito como tal.

Por analogia, pode-se afirmar que ele é o *Calímaco* rio-grandense. No seu tempo, assim como na Alexandria do terceiro século a.C.¹⁶, a profissão de bibliotecário não tinha as feições que hoje a caracterizam. No Brasil, em particular, seu exercício, desde 1962, é privativo de

¹⁶ JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Dir. por BARATIN, Marc & JACOB, Christian. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. pp. 46-7.

profissionais de nível superior com formação específica, isto é, de bacharéis em Biblioteconomia¹⁷. Contudo, olhando para trás, até onde o registro histórico alcança, o bibliotecário sempre foi alguém recrutado entre os homens de cultura mais bem preparados e reconhecidos pelos pares (e, com frequência, tutelados pelos poderosos, que sempre cuidaram de manter as bibliotecas sob *rédea curta*, reconheça-se) de sua época. A filósofos, poetas, escritores, cientistas, sacerdotes eruditos, eram confiadas a administração das bibliotecas até muito recentemente. Esta é, resumidamente, a origem da própria Biblioteconomia, tanto como ciência quanto como prática profissional. Neste texto, intenta-se demonstrar que não foi diferente no Rio Grande do Sul – e que, aqui, a precedência deve ser atribuída a João Barbosa Coelho.

Ampliando a analogia, com alguma licença poética, por que seria diferente na cidade do Rio Grande do século XIX? Tal como em Alexandria, aqui também havia um porto. Tal como o poeta *Calímaco*, que viera de Cirene para Alexandria, Barbosa Coelho veio da cidade do Porto para Rio Grande, com breves passagens por Salvador da Bahia e pela Corte do Rio de Janeiro. Assim como o grande bibliotecário alexandrino, Barbosa Coelho também era um homem culto, ciente da qualidade e diversidade do acervo que almejava formar. É o que sugere o primeiro relatório publicado pela *Comissão Bibliographica*¹⁸, no início de fevereiro de 1847, pouco menos de seis meses após a primeira Diretoria

¹⁷ Os seguintes dispositivos legais regem o exercício da profissão de Bibliotecário: Lei nº 4084/1962; Decreto nº 56.725/1965; Lei nº 7.504/1986; e Lei nº 9.674/1998.

¹⁸ GABINETE de leitura. Ibid.

iniciar seus trabalhos. Concluindo a licença poética, antes de examinar o mencionado relatório, acrescenta-se que Manuel Bastos Tigre, patrono da Biblioteconomia brasileira, não era bibliotecário de formação, mas engenheiro civil – e também escritor, jornalista e publicitário, como autodidata. Assumiu-se como bibliotecário ao ser aprovado em primeiro lugar no primeiro concurso público para este cargo, realizado pela Biblioteca Nacional.

Agora, examinemos o primeiro relatório¹⁹ apresentado pela *Comissão Bibliographica* do Gabinete de Leitura do Rio Grande. Trata-se de um terceiro documento, que se analisa aqui, de extraordinário valor histórico – e também o é sob o ponto de vista biblioteconômico, mesmo para os dias atuais. Antes da análise de seu conteúdo, atente-se para o recurso ao anonimato de sua autoria, segundo o editor d'*O Rio-Grandense*, jornal em que foi publicado, a pedido do próprio autor do relatório. Trata-se de um segredo de polichinelo, pois sobram evidências de que aquele relatório foi lavrado por João Barbosa Coelho. Dentre os membros da *Comissão Bibliographica*, ele era o único com conhecimento de causa e visão de mundo suficientes para elaborar os conceitos técnicos e formular os juízos expressos no documento. Por que? Pela formação obtida e vivência cultural, quando estudante no Rio de Janeiro, em razão do que não é um despropósito supor que tivesse frequentado o Real Gabinete Português de Leitura. Afinal, aquela entidade fora criada em 14 de maio de 1837, apenas nove anos

¹⁹ Nos trechos transcritos foi mantida a grafia da época e, inclusive, os erros de impressão.

antes da fundação do Gabinete rio-grandino – e, naquele momento onde estava Barbosa Coelho? No Rio de Janeiro!

Ademais, não fosse esta sua fonte, de onde obteria os evidentes conhecimentos técnicos presentes ou implícitos no relatório? Por derradeiro, quem seria o citado “correspondente no Rio de Janeiro”?²⁰ Embora sejam questões ainda em aberto, objeto de investigações em andamento, permitem os elementos disponíveis que se levante a hipótese de que a autoria do relatório é efetivamente de João Barbosa Coelho.

Enquanto tais pesquisas continuam, é possível analisar o relatório sob a perspectiva da gestão de bibliotecas: planejamento, organização, seleção, aquisição, processamento do acervo, divulgação e prestação de serviços. Está tudo lá. Inclusive, alguns conceitos são tão avançados que custa acreditar tenham sido enunciados por um leigo há 180 anos. Para melhor elucidar a análise e interpretação, alguns trechos são transcritos e examinados a seguir.

O estado da livraria é na verdade pouco lisonjeiro; porém a exigüidade dos meios sómente é a causa matriz de seu atraso. É para lastimar, Srs., que uma cidade aliás generosa para outros fins, tenha tão poucas tendencias, senão antipathia, para esta utilissima instituição.

A autocrítica é evidentemente severa, mas, na verdade, tem como alvo menos o desempenho da

²⁰ Num trecho do relatório consta que “*Não tem havido perfeita regularidade n’esta parte do serviço, segundo se suppõe por incommodo de nosso correspondente no Rio*”. (Id., *ibid.*)

própria *Commissão Bibliographica* e mais os habitantes da cidade, em especial os mais abastados, que resistiam em apoiar financeiramente a efetiva implantação do Gabinete de Leitura. Ao publicá-la no jornal, os sócios do Gabinete visavam a “sensibilizar” seus concidadãos, prática similar à aplicada pelos próprios jornais da época, com a finalidade de cobrar valores de assinaturas em atraso, fato sobejamente documentado pelo professor Francisco das Neves ALVES²¹.

Sobre os critérios adotados pela *Commissão Bibliographica* para selecionar os primeiros livros, haja vista a penúria já comentada, que justificativa apresenta o autor do relatório?

A Comissão abandona ao vosso criterio o julgamento do merito das obras ; cumpre porém reflectir que nunca com poucos meios se fizeram grandes cousas em pouco tempo. A Comissão não organizou um plano systematico, que n’este caso seria irrisorio : escolheu alguns livros, e parou por falta de recursos. D’aqui podeis inferir, Srs., que os varios ramos da litteratura e sciencias não tem representantes no Gabinete de Leitura do Rio Grande. Ás proprias musas foi a entrada vedada. Apenas por entre a troncada collecção que vedes de novellas, achareis como por acaso a inscripção de um volume elementar das sciencias ou artes.²²

²¹ ALVES, Francisco das Neves. **Imagens e símbolos: a caricatura rio-grandina e o discurso político-partidário no século XIX**. Rio Grande: FURG, 1999. p. 97.

²² GABINETE de leitura. Ibid.

Salta à vista o pragmatismo adotado como critério de seleção, do que se lamenta a *Commissão*. Justifica o autor do relatório mais adiante, esclarecendo que, se não puderam adquirir obras literárias, científicas e artísticas em quantidade e diversidade, como seria desejável, conformaram-se em adquirir o que foi possível com os escassos recursos. Para compensar, esclarecem que elegeram as *novellas* como preferenciais, por considerá-las mais “agradáveis”: “tivemos, porém, o cuidado de colligir autores de fama e obras de gosto ; pois que não podendo unir o útil com o agradável, buscámos que a segunda parte fosse bem preenchida”²³.

Sobressai no trecho citado o tratamento distinto dado à poesia, qualificada como *musa* e tratada como categoria própria. Com isso, o autor torna mais intenso o lamento, fazendo-o mais seu do que da *Commissão*. Denuncia-se assim como alguém com formação suficiente para discorrer com naturalidade sobre tais nuances estético-literárias.

O processo de aquisição de livros e assinaturas de periódicos, para além da escassez de recursos financeiros, apresenta lá seus contratempos operacionais – e isto não é de hoje e nem privilégio das bibliotecas mantidas pelo Estado, submetidas ao ritual licitatório (atualmente), como se depreende do que consta no relatório:

Se n’alguma coisa nos arredamos de nosso proposito, deveis saber que é preciso lisonjear certas imaginações, e a nimia rigidez é algumas vezes nociva. Pelo que toca a periodicos, somos

²³ Id., *ibid.*

assignantes de todos os da Côrte e tres d'esta Cidade ; daquelles ainda não vierão todos, bem como alguns litterarios da Europa, que esperamos. Não tem havido perfeita regularidade n'esta parte do serviço, segundo se suppõe por incommodo de nosso correspondente no Rio²⁴.

E a organização do acervo da *livraria*? Antes de examinar o que consta no relatório a respeito, acentue-se a distinção entre o Gabinete de Leitura, que vinha a ser a sociedade propriamente dita, e a *livraria*, que é como os pioneiros da Rio-Grandense denominavam sua biblioteca, de acordo com o léxico da época, talvez por influência do termo inglês *library*. Esclarecido este aspecto, mercê dos poucos meses de existência e do escasso acervo reunido, consta já no relatório menção à não organização de um catálogo impresso. Em especial, esta referência é evidência documental inequívoca de que, na *Commissão Bibliographica* havia alguém possuidor de conhecimentos técnicos de como se constituía, organizava e funcionava uma *livraria*. Esta evidência também aponta para o mesmo personagem: João Barbosa Coelho. Vejamos:

O Gabinete muito se ressentia pela falta de um cathalogo impresso, para obviar ao accionista o incommodo de vir pessoalmente á casa ; mas infelizmente nem ainda o temos manuscripto, capaz de ser consultado com interesse. A Commissão já incetou semelhante trabalho, que por motivos ponderosos ainda não pôde concluir. Não obstante a Commissão é de parecer que não se imprimão já, porquanto seria dispendioso,

²⁴ Id., *ibid.*

incompleto, e dentro de pouco tempo insuficiente. O mais acertado seria dar-lhe começo logo que houvesse 500 obras pelo menos²⁵.

Estavam longe de alcançar seu objetivo? Não, pois, além dos 140 livros comprados no Rio de Janeiro acresceram-se outros 60 doados por *accionistas* (como se tratava de uma entidade privada, para associar-se, o interessado comprava ações, donde derivava-se sua denominação).

Com a abertura da *livraria*, o empréstimo de livros aos *accionistas* teve início sendo que o relatório registra o seguinte movimento relativo ao mês de janeiro de 1847: 65 livros emprestados e 45 devolvidos, do que se depreende que 20 livros permaneciam em poder dos *accionistas*, eis que os livros não eram emprestados a pessoas estranhas à entidade, embora não se lhes negasse acesso ao ambiente da *livraria*, como evidencia o seguinte trecho do relatório: “A casa tem sido frequentada por poucos Srs. Accionistas e visitada por alguns estranhos ; o que prova exuberantemente que a curiosidade não é vício rio-grandense”²⁶. Além desse registro, o autor do relatório não deixa escapar a oportunidade para reprovar o comportamento dos cidadãos, inclusive de seus pares de Gabinete.

E o futuro? Também do planejamento se ocupou o autor do relatório. Ou melhor, da avaliação do que se executou do planejado. E não se roga de fazê-lo com o

²⁵ Id., *ibid.*

²⁶ Id., *ibid.*

mesmo rigor, que é a tônica do relatório por inteiro. Vejamos:

Já tivemos a honra de vos fazer sentir, e de novo o repetimos que, pelo methodo em andamento, isto é, adstrictos ás importâncias das poucas acções que se vão emitindo, e ao producto das mensalidades, tarde conseguiremos nosso intento, e vem a ser, dotar a Cidade com uma livraria consentanea ás suas necessidades, e nestas circunstancias exige imperiosamente o bem estar, a estabilidade e o incremento da associação que lancemos mão de um novo agente enérgico e productivo, que a esta especie de sumulacro substitua uma realidade incontestavel²⁷.

E o que Barbosa Coelho tem em mente? Mobilizar, engajar no projeto do Gabinete os cidadãos mais abastados da cidade, a maioria deles por certo comerciantes, vinculados às atividades portuárias. Como guarda-livros, sabia das potencialidades, em razão do que apontou, pragmaticamente e sem meias palavras, a necessidade de mudança de método na captação de recursos financeiros, como se depreende da leitura do seguinte trecho do relatório:

Bem conhecemos que uma tentativa tal encontrará muitas objecções inherentes á deficiencia do entusiasmo, que é o móvel das grandes acções; mas por isso mesmo que a empresa é ardua, mais gloriosa é e mais digna da tentar-se. Não basta, Srs., saber fundar uma

²⁷ Id., *ibid.*

sociedade; isto é o menos, engrandecel-a é tudo; porque prometer é facil, e sustentar difficil, maxime na actualidade, em que é forçoso incutir nos individuos o espírito da associação e o amor das lettras. Isto porem não se consegue em quanto, qual mendigos, andarmos de porta em porta solicitando favores ; reclama um grande acto de generosidade. Nós contamos na sociedade muitos nomes respeitaveis e influentes, ponhão-se esses á frente de um movimento organisador, em pouco verão seus esforços magnanimos coroados dos mais bellos resultados²⁸.

Ao apontar este caminho, além da convicção de sua viabilidade, esclarece o autor do relatório não desconhecer que na cidade há céticos ou, pior, adversários do projeto do Gabinete de Leitura. Supõe que seja possível, pelo sucesso do empreendimento, calá-los ou, melhor ainda, agregá-los como colaboradores – ainda que pelo receio do constrangimento. É o que se depreende do conteúdo deste parágrafo:

Srs., enganemo-nos uma vez por todas: enquanto as estantes do Gabinete offerecerem a immensa lacuna que observais, a sociedade será um objecto risivel para os seus grosseiros e gratuitos inimigos. Procurai uma posição sobranceira, dominai o espirito publico pela vossa prosperidade; vereis os vossos detratores, esmagados e arrependidos procurar um lugar entre vós para não serem tachados com o ferrete

²⁸ Id., *ibid.*

de ignorantes, que tanto intimida aqueles que realmente o são²⁹.

João Barbosa Coelho encerra confiantemente o primeiro relatório do Gabinete de Leitura do Rio Grande, felicitando-se a si e aos seus parceiros de empreendimento, pelo espírito de perseverança, mercê das adversidades encontradas pelo caminho, descrevendo a iniciativa a que se devotaram como “um passo indelevel na carreira da civilização rio-grandense”³⁰. Os 180 anos de história da Biblioteca Rio-Grandense atestam que seu vaticínio não foi apenas retórica.

Concluída a análise e interpretação das fontes documentais, falta fortalecer o nexu prometido pelo autor destas reflexões entre o momento de transformações vivenciado por João Barbosa Coelho e a atualidade. Atualmente, a Biblioteconomia e as bibliotecas estão sendo afetadas dramaticamente por outra ordem de mudanças. Estas decorrem do impacto das chamadas tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) sobre a organização e funcionamento das bibliotecas. Ou melhor, sobre a produção, coleta e processamento dos registros do conhecimento e posterior difusão de seu conteúdo informacional.

Somando seus recursos, o telefone e o computador instauraram uma nova ordem informacional. Em especial, a disponibilização do texto completo em linha, em qualquer lugar e a qualquer momento, a custos

²⁹ Id., *ibid.*

³⁰ Id., *ibid.*

decrecentes, obsoletizam irreversivelmente grande parte da tradição técnica biblioteconômica. Os intervalos entre os ciclos de inovação e obsolescência são cada vez menores e sua intensidade cada vez maior e mais abrangente. Praticamente, não há tempo suficiente para ajustar-se a tradição às inovações técnicas, por exemplo, no que diz respeito aos desenhos curriculares. As fronteiras disciplinares diluem-se, tornam-se difusas. No caso brasileiro, credite-se parte expressiva dos postos de trabalho ao exercício profissional regulamentado, que tem funcionado como uma espécie de *barreira de contenção*. Isto, à primeira análise pode parecer uma vantagem, mas também pode transformar-se em breve na causa de uma derrocada completa da tradição biblioteconômica, pois, se assegura parcelas dos postos de trabalho (em especial, no setor estatal), também atua como um poderoso fator de inibição à incorporação de novos conhecimentos teóricos e práticos, à secular tradição biblioteconômica.

Enfim, haveria espaço atualmente para uma iniciativa ousada como aquela projetada e levada a cabo por João Barbosa Coelho e seus 26 parceiros de empreitada? As reflexões aqui expostas não permitem que se enuncie uma resposta objetiva e conclusiva a esta indagação, mas sugerem que historiadores e bibliotecários podem somar forças com a finalidade de assegurar que os registros do conhecimento, independente de sua forma, que continuam sendo produzidos pelo espírito humano, podem continuar disponibilizados livremente a todos os interessados: cidadãos comuns, estudantes, professores e pesquisadores. E isto pode ser feito aqui mesmo em Rio Grande, na Biblioteca Rio-Grandense e na Universidade,

somando-se ousadia, criatividade, competência e desprendimento.

A hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense e a construção de uma tese

Derocina Alves Campos Sosa*

Considerações Iniciais

O texto a seguir trata da construção de uma tese a partir de pesquisas feitas na hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense, destacando a importância dos acervos das hemerotecas, notadamente os jornais, para a pesquisa histórica. Para isso nos apropriamos de um conjunto de jornais das décadas de 1930 e 1940, focando principalmente a política nacional e regional do período e suas nuances de representação nos contextos das primeiras décadas do século XX.

* Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutora em História pela PUCRS.

1. A hemeroteca e a pesquisa que resultou na escrita da tese

Sobre o termo hemeroteca, Neto, Torres, Alves e Farias assim descrevem:

O termo hemeroteca origina-se do grego *heméraque* significa “dia”, e *thékeque* significa “depósito” ou “caixa”. Neste estudo, define-se hemeroteca como um acervo composto de clipping de jornais e revistas de uma determinada temática, que proporciona a recuperação futura do que foi publicado no passado, jornais e revistas constituem os documentos do acervo das hemerotecas. Partindo desse pressuposto, as hemerotecas são constituídas por informações que se materializam em documentos, podendo estes ser definidos como artefatos sociotécnicos que possibilitam os registros e transferência de mensagens, produzidos a partir da intencionalidade de seu produtor em um registro que perpassa o tempo e o espaço. A função do documento é registrar a ocorrência dos fatos a partir do contexto social em que eles acontecem; uma vez que o documento se produz, a partir de certas condições e estruturas sociais que, tanto a relação entre produção/produtor e uso/usuário é dependente de um determinado contexto em que a informação é transferida, refletindo-o por meio desse processo. Então, as informações que estão contidas nos documentos armazenados das hemerotecas são vistos como objetos culturais, cujas informações remetem a um determinado contexto social gerado no tempo e

espaço da história (Neto, Torres, Alves e Farias, 2014, págs. 3-4)

Partimos assim, no início do ano de 2001 para a pesquisa nos jornais da Biblioteca Rio-Grandense, instituição fundada em 1846 e que guarda no seu acervo, entre outros, uma grande quantidade de livros, documentos, jornais e revistas. A intenção era trabalhar com a história política nacional, a partir dos jornais entre os anos de 1930 e 1946. Isso acabou resultando na tese intitulada: A História política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha.

Observei como observo, a importância da imprensa como fonte histórica, entendendo que, aquilo que aparece escrito deve ser lido em dois tempos: um objetivo que interpreta o que está escrito efetivamente e outro subjetivo que precisa entender o que não aparece escrito, mas é possível se identificar à luz do contexto histórico. Assim, o estudo da imprensa necessita o reconhecimento do que está em torno dela, já que está invariavelmente atrelada ao seu tempo histórico.

Destaco aqui que a história política encontra na imprensa escrita, um campo fértil de trabalho, visto que, ela pode ser identificada como fonte privilegiada em situações em que outras fontes não conseguem dar conta de responder satisfatoriamente aos questionamentos do investigador.

Pesquisei os jornais de regiões variadas do Rio Grande do Sul, notadamente as maiores cidades em termos de densidade populacional como porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, santa Maria, Caxias do Sul e Alegrete.

Analizando o Censo Demográfico de 1940 verificamos que as cidades, cujos jornais arrolamos, apresentavam as seguintes populações: Porto Alegre- 272.232, Rio Grande- 60.802, Pelotas- 104.553, Santa Maria- 75.597, Caxias-39.677, Alegrete-38.949 (Censo Demográfico População e Habitação, Rio de Janeiro, 1950). Esses números correspondem, à população absoluta das cidades. Cada uma delas detinha pelo menos um jornal do período destacado, sendo que, Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre que correspondem ao tripé principal do eixo de nossa pesquisa tinham até dois periódicos, normalmente com uma certa rivalidade.

A área de abrangência desses jornais ficava normalmente restrita à própria cidade e arredores, excetuando-se os jornais maiores como de Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, bem como de Porto Alegre, cuja circulação era mais ampla.

A pesquisa que desenvolvemos pretendeu fazer um estudo regionalizado da imprensa gaúcha, no período de 1930 a 1946, propondo perceber no desenvolvimento da história política do Brasil, as variações e intensidades com que as notícias percorriam as páginas dos jornais, dentro de uma perspectiva de apresentação textual que considerasse a descontinuidade dos próprios jornais, como, por exemplo, lacunas entre um exemplar e outro ou ainda quando da imposição da censura que acabou interferindo na apresentação desses mesmos jornais.

Pesquisei principalmente na Biblioteca Rio-Grandense da cidade de Rio Grande, mas além dela, pesquisei na Biblioteca Pública de Pelotas, na Biblioteca Pública de Porto Alegre, no Museu dos Capuchinhos em Caxias do Sul, no Solar dos Câmara em Porto Alegre, no

Núcleo de Pesquisa em História do Rio Grande do Sul da UFRGS e no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa em Porto Alegre. Esse foi um período bem intenso de pesquisa e conhecer esses lugares e seus acervos me possibilitou o contato direto com importantes repositórios no Rio Grande do Sul e suas potencialidades para os pesquisadores.

Ao fazer uma apresentação sobre a História Política e sua importância na Nova Configuração das pesquisas históricas destaquei o Estado, a Política e o Poder que se inter-relacionam. Destaquei que não existe estudo atual de História Política que não parta de uma definição de poder e de uma análise desse fenômeno.

Os jornais estão, dessa forma, localizados na encruzilhada desses elementos: estado, política e poder, combinando-se com eles, ora endossando o discurso oficial, ora opondo-se a ele.

O discurso jornalístico obedecia às regras históricas e é o resultado de uma posição sócio-histórica, na qual os enunciadores se revelam substituíveis e o conteúdo apresentado estava, como ainda está, visceralmente, ligado ao seu tempo. Dito de outra forma, os discursos construídos pelos jornais estavam e estão balizados pelo contexto em que foram criados.

Percebe-se, portanto, e isso norteou o desenvolvimento dessa pesquisa, que o jornalismo se encontrava, permanentemente, no ponto de encontro ou desencontro dos interesses de Estado, das manipulações políticas e da luta pelo poder, ou seja, por vezes afinava-se com os interesses do Estado, em outras lhe fazia oposição. Até mesmo os posicionamentos assumidos pelos jornais implicavam em correr riscos patrimoniais e pessoais, por vezes fatais.

Destaquei ainda na Tese que o uso de fonte jornalística como instrumento a ser utilizado em história política, conseqüentemente, não tem como deixar de levar em consideração o viés ideológico, presente ou na feitura do texto ou em sua leitura à época em que foi produzido. Isso conduz, inapelavelmente, à pesquisa não só das peças textuais em si, como do momento histórico em que foram produzidas e, dado o volume das mesmas, impõe-se ao pesquisador uma necessária e clara delimitação de cenários e tópicos envolvidos no processo

Sobre o período relativamente longo da História do Brasil que pesquisei, 1930-1946 e, principalmente por não ter sido um período homogêneo em termos de acontecimentos, pude perceber que os jornais acompanharam esse movimento e pude perceber nitidamente as vertentes ideológicas, que ora se alinhavam e ora se opunham ao governo e isso se deu claramente em torno da implantação do Estado Novo (1937-1945) e também após a entrada do Brasil na Segunda guerra Mundial, o que acabou por expor o maior e mais complexo paradoxo desse período que foi o Brasil apoiar nações que se diziam a favor da Democracia e, internamente adotar um regime de exceção como foi o Estado Novo que decorreu de um golpe implementado em 1937.

Elaborei a tese em 4 capítulos assim distribuídos: capítulo I - Imprensa e História 1.1- Os discursos construídos pelos jornais;1.2- Os discursos manipulados nos jornais;1.3- As relações da imprensa escrita com o poder e 1.4- A imprensa gaúcha e seus limites discursivos nas décadas de 1930 e 1940. O capítulo II ficou demarcado da seguinte forma: capítulo II - O

cenário Político Nacional de 1930 a 1934: os posicionamentos da imprensa gaúcha 2.1- A Revolução de 1930, antecedentes históricos, os preparativos da Aliança Liberal e as repercussões na imprensa escrita; 2.2- O Movimento Constitucionalista de 1932: os enfoques dados pelos jornais; 2.3- O ano de 1933, as eleições constitucionais, os debates parlamentares e 2.4- A Constituição de 1934, os embates políticos, a visão da Carta Constitucional que as imprensa gaúcha apresentava. No capítulo III - O projeto autoritário de governo: da Lei de Segurança Nacional de 1935 à implantação do golpe de 1937 3.1- A Lei de Segurança Nacional de janeiro de 1935 e os reflexos na imprensa; 3.2- As marchas e contramarchas do ano de 1936 e 3.3- O golpe de 1937 e a implantação do Estado Novo. O quarto e último capítulo ficou distribuído da seguinte forma: capítulo IV - Do Estado autoritário à Abertura Democrática: os caminhos que percorreu a imprensa gaúcha 4.1- Os acontecimentos externos que marcaram o período de 1937 a 1945 e a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial 4.2- As resistências externas ao autoritarismo de Vargas 4.3- Das apologias ao Estado Novo à oposição sistemática do regime e 4.4- A abertura democrática do pós-45: A Constituição de 1946 e o coroamento democrático

2. Alguns apontamentos sobre a contribuição histórica da pesquisa

O estudo que propomos procurou identificar o estudo da imprensa escrita como fonte para a

História, relacionando ambas e percebendo situações concretas de aproximação entre os objetos focados. O título, *A formação histórica brasileira sob a óptica da imprensa gaúcha (1930-1946)* pretende relacionar a história política desse período com os vários enfoques que a imprensa escrita apresentava, de maneira que, a percepção se dê em torno do tipo de discursividade feita pelos jornais e de como esses discursos vão sendo gradativamente construídos.

A delimitação temporal foi feita tomando por base a continuação de uma caminhada por esse período, adquirida anteriormente quando da defesa de minha dissertação de mestrado, que percorreu a década de 1930, expondo a questão central do federalismo versus a centralização política que se processava naquele momento. Outra questão que contribuiu para a escolha desse período foi a imposição de elementos que pretendi trabalhar como: *o poder, a manipulação de ideias, a construção dos discursos, a resistência subliminar da imprensa escrita*. Dessa forma, busquei reconhecer pontos de contato entre aquilo que a imprensa escrita apresentava em suas páginas diárias e aquilo que se processava politicamente falando, no Brasil.

A escolha desse enfoque portanto, se deu tendo em vista da já notória relevância da imprensa como fonte histórica. Em se tratando dos jornais, aquilo que aparece escrito deve ser lido em dois tempos: um objetivo que interpreta o que está escrito efetivamente e outro subjetivo em que precisamos entender o que não aparece escrito, mas é possível identificar, à luz do contexto histórico. Assim, o estudo da imprensa escrita necessita o

reconhecimento do que está em torno dela, já que ela está invariavelmente atrelada ao seu tempo histórico.

Importante reforçar que a história política encontra na imprensa escrita, um campo fértil de trabalho, visto que, ela pode ser identificada como fonte privilegiada em situações em que outras fontes não conseguem dar conta de responder satisfatoriamente aos questionamentos do investigador. Francisco das Neves Alves escreve que:

Em se tratando de pesquisas abordando a história política, o papel da imprensa avulta em importância, tendo em vista o caráter em geral lacônico que caracteriza muitos dos documentos oficiais no que tange às disputas e aos confrontos de natureza político-partidária. Nos jornais, ao contrário, esses conflitos encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo de ligação ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas³¹.

A leitura literal que muitas vezes se faz pode levar à determinadas armadilhas de interpretação. Por exemplo, jornais da época tratando da Lei de Segurança Nacional de janeiro de 1935, entendiam a lei como necessária ao país naquele momento, mas faziam ressalvas dos malefícios que podiam advir em função da aplicabilidade dessa mesma lei,

³¹ ALVES, Francisco das Neves. O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa Rio-grandina (1868-1895). Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p.15.

especialmente no que tange ao cerceamento das liberdades da imprensa.

A imprensa, portanto, respaldou o governo que aplicasse a lei, mas ao mesmo tempo lançou um alerta quanto aos resultados de suas imposições.

Reiteramos que o período analisado apresenta diferenças quanto ao desenvolvimento interno: de 1930 a 1934 temos o chamado período do governo provisório de Vargas marcado pela Revolução Constitucionalista de São Paulo(1932), assinalando o fim da República Velha e a emergência das camadas médias urbanas e da burocracia civil no seu interior; de 1934-1937, o período constitucional, em que houve o confronto das ideias democráticas e autoritárias no Brasil, culminando com um processo desencadeado desde 1930, que visava a centralização política no Brasil; de 1937-1942 em que houve a implantação do regime de exceção, abalado com a entrada do Brasil na 2ª guerra Mundial, quando se tornou insustentável a defesa do autoritarismo internamente, e quando o mundo capitalista fazia a apologia das ideias da democracia liberal; de 1942-1946 temos a progressiva oposição ao regime e a abertura democrática.

Nesses momentos todos, a imprensa escrita atuou de maneira ampla na construção e manipulação de discursos que eram absorvidos pelo público leitor da época.

Os jornais elencados para a pesquisa foram: *O Rio Grande* e *O Tempo* ambos de Rio Grande fundados no início do século XX e funcionavam como verdadeiros rivais dentro da cidade; *O Diário Popular* e *o Opinião Pública* de Pelotas que, funcionavam, a exemplo de Rio Grande, como jornais rivais que disputavam o

público leitor; *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* de Porto Alegre, o primeiro fundado ainda no século XIX com uma proposta de imparcialidade bem ao estilo das modernas empresas jornalísticas e o segundo, no século XX, com alguma presença crítica mais marcante; *Gazeta de Alegrete* fundado no século XIX voltado para os interesses econômicos da agropecuária e políticos da Frente-Única; *A Razão*, de Santa Maria, que também defendia a agropecuária e os interesses políticos da Frente-Única; *Correio Rio-grandense* ou *Staffetta Rio-grandense*³² fundado em Caxias do Sul no início do século XX e que acabou se transferindo para Garibaldi, retornando na década de 1950 a Caxias do Sul. Até a década de 1940 era ele escrito em língua italiana com o nome de *Staffetta Rio-grandense*, depois passou a se intitular *Correio Rio-grandense*³². Optamos por fazer a transcrição dos textos por entender que seria mais preciso o contraponto entre os jornais. Todos os jornais pesquisados levaram em conta a localização das cidades no espaço sul-rio-grandense e a relevância do município

³² O *Correio Rio-grandense* nasceu com esse nome na cidade de Caxias do Sul. Quando os padres capuchinhos assumiram o controle do jornal o levaram para Garibaldi onde passou a chamar-se *Staffetta Rio-grandense*. Era escrito em língua italiana e dirigia-se principalmente para as colônias. Na década de 1940 em função da política de nacionalização do Estado Novo, passou a ser escrito em língua portuguesa e na década seguinte retornou a Caxias do Sul onde circula até os dias atuais. Para efeito de preservação das denominações originais do jornal, utilizamos o nome *Staffetta Rio-grandense* até 1942 e, para o período posterior, passamos a descrevê-lo como *Correio Rio-grandense*.

em termos demográficos, bem como a regularidade dos periódicos, dentro do recorte temporal proposto.

A tese que resultou da pesquisa, pretendeu fazer um estudo regionalizado da imprensa gaúcha, no período de 1930 a 1946, propondo reconhecer o desenvolvimento da história política do Brasil, as variações e intensidades com que as notícias percorriam as páginas dos jornais, dentro de uma proposta de apresentação textual que considere a descontinuidade dos próprios jornais, como, por exemplo, lacunas entre um exemplar e outro ou ainda quando da adoção da censura que acabou interferindo na apresentação dos mesmos.

Os outros acervos de hemerotecas que também pesquisamos para a realização da Tese, ou seja, os da Biblioteca Rio-Grandense da cidade de Rio Grande, da Biblioteca Pública de Pelotas, da Biblioteca Pública de Porto Alegre, do Museu dos Capuchinhos em Caxias do sul, do Solar dos Câmara em Porto Alegre, do Núcleo de Pesquisa em História do Rio Grande do Sul da UFRGS e do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, foram locais³³ que disponibilizaram prontamente seu acervo para a pesquisa.

³³ A escolha das cidades pautou-se pela localização geográfica, ou seja, as principais regiões do estado foram destacadas: o Litoral, a Campanha, a Serra e a Depressão Central. A inclusão da região das Missões ficou impossibilitada, tendo em vista a impossibilidade de acesso às fontes, a questão da densidade populacional destas comunidades foi outro elemento que contribuiu para a seleção dos jornais.

3. As repercussões dos acontecimentos políticos nos jornais

Observamos que as diferentes facetas que a imprensa oferece dos acontecimentos, nos permitem revê-la com outros olhos. A linguagem apresentada destinava-se a uma época em que as ideias muitas vezes não tinham a mesma relação com as ideias atuais. Exemplo disso é o tipo de representação linguística que se fazia da palavra *ditador* na década de 1930, que era visto como um condutor necessário aos países em desordem. O termo adquiriu um caráter eminentemente pejorativo ao final da 2ª Guerra Mundial, quando todas as mazelas da Europa destruída foram mostradas ao mundo e a democracia liberal adquiriu novo impulso. A questão dos conceitos esteve implicitamente/explicitamente trabalhada, pois sua identificação nos permitiu redimensionar sua importância no espaço-tempo.

Existem várias formas de relação da imprensa, no caso, imprensa escrita, com a história, percebendo-se nelas situações concretas, que remetem às especificidades reveladoras de sua ideologia⁴ e de seus contatos com o poder.

Analisar um texto jornalístico de períodos de exceção, demanda a necessidade de uma leitura que decodifique dois níveis discursivos, vias de regra presentes: um objetivo, outro subjetivo; o primeiro, fazendo o registro possível, permitido ou imposto e o segundo desvelando eventual resistência - subterrânea, sub-reptícia, às imposições do poder.

Na tese, a imprensa em questão é a que se manifesta no jornalismo, impresso, e é entendida não como um nível isolados da realidade, mas como instrumento de manipulação de interesses.

A imprensa escrita, aqui, serviu de fonte para a história política e suas implicações com outros campos do conhecimento. Assim, a Tese teve, entre outros, o propósito de enfatizar a história política como referencial teórico, passível de contribuir para a comprovação de uma sociedade e de sua organização. Nesse sentido, o estudo da história política adquiriu o status que foi proposto pela história revisionista, ou seja, de que ela deve ser entendida como o confronto das várias forças sociais que tentavam e tentam se organizar.

A visão da história política tradicional, que enquadrava figuras e fatos com uma certa regularidade sistêmica cedeu lugar ao conhecimento que permitia ideias mais amplas, descortinando a política como elemento importante no reconhecimento e evolução da sociedade.

A via de acesso escolhida para operacionalizar o estudo da história política no período de 1930-1946 rico em movimentação política se deu pelo estudo de periódicos escolhidos por sua importância regional no Rio Grande do Sul, que envolvem regiões de importante significação socioeconômica do estado, o que permitiu que identificasse os vários graus de aproximação dos mesmos com o centro do poder. Na medida em que a situação política ia se modificando, os jornais variavam também, suas posições políticas.

Foi possível observar ao longo da elaboração da Tese, as variações que ocorreram na política do Brasil de 1930 a 1946, sob o ponto de vista da imprensa gaúcha,

percebendo que os jornais em tela, mesmo reproduzindo muitas vezes matérias dos periódicos do sudeste do país, apresentavam peculiaridades de acordo com as regiões em que estavam inseridos.

Detalhando os capítulos e o que foi trabalhado em cada um deles, o capítulo I analisou questões teóricas ligadas ao estudo da imprensa e sua utilização como fonte para a história, a questão do poder e a relação que os jornais tinham com ele.

Já o capítulo II que tratou do período de 1930 a 1934, reconheceu a criticidade dos jornais em relação ao momento político que estavam vivendo. Em relação à Revolução de 1930, por exemplo, todos eles aplaudiram-na por significar o fim da política dos governadores e por representar a ascensão do Rio Grande do Sul.

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi tratada diferentemente de acordo com a posição de cada jornal, ou seja, situacionista, a favor do governo estadual, na figura emblemática de Flores da Cunha, que apoiou o movimento até um determinado ponto, mas depois o repudiou; ou contrário ao movimento revolucionário paulista desde seu início. Estiveram ao lado do governo estadual, o *Rio Grande* e o *Diário Popular*; os demais assumiram uma posição favorável ao governo federal. Questões políticas ligadas às rivalidades partidárias do PRR-PL, de um lado, e do grupo que acabaria fundando o PRL, explicam essa questão.

A Constituinte e Constituição de 1934 não apresentaram diferenciações nos enfoques dos jornais. Todos aplaudiram a nova Constituição e alguns, entre eles *A Razão*, o *Opinião Pública* e a *Gazeta de Alegrete*, perceberam, os passos que o governo dava em direção

ao fechamento político, culminando com a Lei de Segurança Nacional de janeiro de 1935.

O capítulo III trata dos acontecimentos que levaram ao golpe de 1937. O *Rio Grande*, *A Gazeta de Alegrete*, o *Opinião Pública*, o *Diário Popular*, *A Razão*, o *Diário de Notícias*, *O Tempo*, o *Correio do Povo* assumiram, de início uma posição crítica, mas acabaram tendo que se submeter às imposições do Governo Federal, que se utilizou, como instrumento de pressão, dos levantes comunistas do final do ano de 1935. O *Correio Rio-grandense* voltou-se nessa época ao enfoque de questões mais locais ou apresentava os lances da política nacional, mais como um observador à distância do que como participante. Escrevia na língua italiana e trazia títulos como “*Notícias do Brasil*”.

O capítulo IV trata do Estado Novo e seu fim. Durante sua vigência os jornais foram obrigados a acatar as diretrizes do Governo Federal, caso contrário seriam fechados. A censura, no entanto, começou a ser burlada, quando o Brasil assumiu a defesa dos interesses dos Aliados na guerra contra o Eixo e o *Diário de Notícias*, o *Diário Popular*, *O Tempo*, *A Razão*, *a Gazeta de Alegrete*, o *Opinião Pública* e o *Correio do Povo* passaram a dar ênfase ao modelo de governo democrático vigente nos EUA. Por essa via, implicitamente, criticavam o modelo autoritário do Estado Novo.

O *Correio Rio-grandense* é um exemplo acabado de submissão por questão de sobrevivência. Na década de 1940 foi obrigado a escrever em língua nacional e na medida em que, pressentia a aproximação do fim do Estado Novo liberou mais, mas foi somente depois de seu final, que escreveu, abertamente sobre a questão do cerceamento político que sofrera.

O ano de 1946 foi aberto pela imprensa com o registro da intensa movimentação nos bastidores da política. A eleição do general Dutra e a nova Constituição mostravam um Brasil mais aberto e em consequência uma imprensa mais. Os jornais foram mais duros nas críticas ao regime patrocinado por Getúlio Vargas. O *Diário de Notícias*, o *Diário Popular*, a *Razão*, *Gazeta de Alegrete* e o *Opinião Pública* foram destaques nessa questão. Os demais, como o *Correio do Povo*, o *Rio Grande* e o *Tempo*, fizeram referências mais amenas aos oito anos de regime que havia findado.

A pesquisa levou a concluir que a imprensa gaúcha, na sua amostragem representativa escolhida, no período de 1930 a 1946, sofreu a influência dos interesses locais e/ou regionais, conforme sua área de abrangência. Por outro lado, foi em grande parte subsidiária dos grandes polos de comunicação nacional, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Os temas da política nacional, regional e local, por conseguinte, permeavam suas páginas, permitindo avaliar o peso de cada um e sua abrangência na sociedade. Sofreu, como de resto toda a imprensa nacional com as vicissitudes políticas de uma época de grandes transformações, tanto no plano nacional como no internacional.

Pontualmente, é possível acompanhar nesses jornais a reprovação dos fatos, nas três escalas - local, regional, nacional - e, simultaneamente, o desenrolar dos mesmos no marco temporal escolhido.

São jornais representativos de um contexto dinâmico que agem providos pelas circunstâncias da vida política nacional e/ou internacional, além dos fatores da economia interna de cada um.

Considerações finais

O desenvolvimento de toda e qualquer pesquisa histórica que se debruce sobre fontes primárias, demanda por parte dos pesquisadores um envolvimento muito grande com essas fontes, principalmente quando são fontes como os jornais impressos, como foi o caso dos jornais que pesquisei para a realização da Tese.

Reconhecer os espaços das hemerotecas e notadamente o acervo da hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense, tão bem preservado, contribui significativamente para a pesquisa histórica. A grande quantidade de jornais disponíveis ali, supera e muito outros acervos de outras hemerotecas do Rio Grande do Sul. A pesquisa que se debruce sobre política, economia, sociedade e cultura do estado, bem como do país, encontra nesse acervo muitas possibilidades para os pesquisadores.

Cabe ressaltar ainda o quanto seria importante que investimentos, pudessem ser revertidos em favor desses acervos para digitalizá-los e assim, possibilitar que mais pesquisadores pudessem acessá-los, divulgando dessa forma também o patrimônio histórico que representam essas instituições, como é o caso da Biblioteca Rio-Grandense.

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. O Discurso Político-Partidário sob o prisma da Imprensa Rio-grandina (1868-

1895). Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do IFCH/ PUCRS, 1998.

_____. Imprensa Gaúcha: História, Historiografia e Política. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

_____. Uma Introdução à história da imprensa rio-grandina. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1995.

_____. “Biblioteca Rio-grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura”. Coleção Pensar a história sul-rio-grandense. Francisco das Neves Alves (Org). Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALMEIDA Jr., Antônio Mendes de. “Do declínio de Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas” in FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano III. Sociedade e Política/ por Ângela Maria de Castro Gomes. 6ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: O Antissemitismo, instrumento de poder, uma análise dialética. Rio de Janeiro: Documentário, 1972.

BAKOS, Margaret Marchiori. Flores da Cunha e sua Época in; Estudos Ibero- Americanos, 1980.

BOBBIO, Norberto. Sociedade e Estado na Filosofia Política Moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMARGO, Aspásia. A Revolução das Elites: conflitos regionais e centralização política in Revolução de 30:Seminário Internacional. Porto Alegre: Erus, 1983.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. "A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil". In Simpósio Nacional de Professores universitários de História. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1971, v.2.

CAMPOS, Derocina Alves. Flores da Cunha X Getúlio Vargas: Da união ao rompimento. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em História do IFCH/ PUCRS, 1995.

_____. "Federalismo x Centralização: Os Antecedentes do Estado Novo" in Ensaio de História do Rio Grande do Sul. Rio Grande: Editora da FURG, 1996.

_____. A Implantação do Estado Novo através da Imprensa Rio-Grandina. Rio Grande: Revista Biblos, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. "Imprensa, uma mercadoria política" in História e Perspectivas. Revista do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, Mg, nº. 4, 1991.

CARONE, Edgard.. O Tenentismo. São Paulo:Difel, 1975.

_____. Brasil, anos de crise 1930-1945. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. A Terceira República (1937-1945). São Paulo, Difel, 1976.

CASTRO, Maria Helena. “O RS no Pós-30: de protagonista a coadjuvante” in Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos anos 30 (coordenação de Ângela Maria de Castro Gomes). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CASTRO, Araújo. A Constituição de 1937. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1938.

CORAZZA, Gentil. Vargas: O Capitalismo em construção. Porto Alegre: FEE, 1989.

DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sérgio. RS: Economia e Política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DINIZ, Eli. “O Estado Novo: estrutura de poder e Relações de Classe” in FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano III. Sociedade e Política (1930-1964) /por Ângela Maria de Castro Gomes 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

ERICKSEN, Nestor. Apontamentos para a história da imprensa brasileira. Curitiba: edição “prata da casa”, 1952

_____. o Sesquicentenário da imprensa rio-grandense. Porto Alegre: Sulina. Associação Rio-grandense de imprensa, 1977.

FARO, J.S. “ A comunicação populista no Brasil: o DIP e a SECOM” In Populismo e Comunicação. José Marques de Melo (org.). São Paulo: Cortez, 1981.

FARIA, Antônio Augusto. Getúlio Vargas e sua Época. São Paulo: Global, 1989.

GAMBINI, Roberto. O Duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Getulismo e Trabalhismo. São Paulo Ática, 1989.

_____. “Confronto e Compromisso no Processo de Constitucionalização (1930-1935)” in FAUSTO, Boris. O Brasil Republicano III. Sociedade e Política. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HARTMANN, Ivair. Getúlio Vargas. Porto Alegre: Tchê, 1984.

HUDSON, Edward. Imprensa e Liberdade. Rio de Janeiro: Lido, 1968.

LAVERHASS Jr, Ludwig. Getúlio Vargas e o triunfo do Nacionalismo brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1986.

LEVINE, Robert. O Regime de Vargas: os anos críticos 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

LOVE, Joseph . O Regionalismo Gaúcho. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MARTINS, Luciano. "A Revolução de 30 e seu significado político" in Revolução de 30. Seminário Internacional. Porto Alegre, Erus, 1983.

MARX, Karl. A Liberdade de Imprensa. Porto Alegre: LPM, 1980.

MELO, José Marques de (org). Populismo e Comunicação/ Maria Lígia Prado et alii. São Paulo: Cortez, 1981.

NETO, Carlos; TORRES, Násia; ALVES, Cláudio e FARIAS, Maria Lúcia. A hemeroteca enquanto espaço documental, informacional e memorial. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGSv. 20, n.2 -Jul./Dez. 2014.

NOLL, Maria Isabel. Partidos e Política no RS (1928-1937). Dissertação apresentada ao Curso de Ciência Política da Universidade Federal do RS, Porto Alegre, 1980.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Estado Novo: Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PANDOLFI, Dulce e GRYNSPAN, Mário. Da Revolução de 30 ao golpe de 37: a depuração das Elites. Rio de Janeiro: CPDOC, 1987.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral Getúlio Vargas, meu pai. Porto alegre: Ed. Gedo, 1960.

PELLANDA, Nize. Flores da Cunha. Porto Alegre: Tchê, 1986.

PESAVENTO, Sandra. RS: a economia e o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. Série Documento.

_____. História do RS. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

_____. Emergência dos Subalternos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1989.

_____. O Brasil Contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

REVERBEL, Carlos. “Tendências do jornalismo gaúcho”. In Fundamentos da Cultura Rio-grandense. Porto alegre: Faculdade de Filosofia da ufrgs, 1957.

_____. . “Evolução da imprensa Rio-grandense”. In Enciclopédia Rio- grandense: O Rio Grande antigo. Canoas: Editora Regional, 1956.

RUDIGER , Francisco Ricardo. História da Imprensa e Comunicação social no RS (bibliografia e notas para

uma avaliação crítica). Porto Alegre: Museu de comunicação social Hipólito José da Costa, 1983.

SCHNEIDER, Edgar Luiz. Imprensa sul-rio-grandense nos séculos XIX e XX. In Fundamentos da Cultura Rio-grandense. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1962.

SCHWARTZMAN, Simon. Bases do Autoritarismo brasileiro. Rio de Janeiro, Campus, 1982.

SEITENFUS, Ricardo. O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942. São Paulo: Nacional, 1985.

SILVA, Jandira et alii. Breve História da Imprensa sul-rio-grandense. Porto Alegre: Corag, 1986.

SILVERMAN, Alvin. A Vida de um Jornal. Rio de Janeiro: Lidaador, 1964.

SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio Vargas a castelo Branco (1930- 1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SODRÉ, Nélson Werneck. História da Burguesia Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. Do Tenentismo ao Estado Novo. Petrópolis: Vozes, 1986.

TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa: política e cidadania. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

TRINDADE, Hélgio. "Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937)" in DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sérgio (orgs). RS: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

VERGARA, Pedro. Flores da Cunha na opinião de seus contemporâneos. Porto Alegre: Globo, 1933.

Abeillard Barreto, a Biblioteca Rio-Grandense e a Coleção Montenegro*

Francisco das Neves Alves**

Ao longo de sua existência, a Biblioteca Rio-Grandense constituiu um epicentro cultural em torno do qual se reuniram múltiplos representantes da intelectualidade. Ao natural, como uma das mais

* Capítulo vinculado à Ação de desenvolvimento – O Arquivo Montenegro no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: História e Arte – promovida junto ao Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan Fernandes”-CEMOSi, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Câmpus Presidente Prudente, sob a supervisão da Profa. Dra. Paula Ferreira Vermeersch.

** Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

importantes instituições de seu gênero no contexto brasileiro, ela abrigou um amplo número de pesquisadores, que frequentaram suas salas, em busca das inesgotáveis fontes colecionadas entre suas paredes, envolvendo desde estudiosos altamente especializados nas mais diversas áreas do saber humano até estudantes ainda em início de carreira, que viriam a conquistar seu espaço no seio do meio cultural citadino e/ou provincial/estadual. A Biblioteca atuou também como uma entidade em que os intelectuais se reuniam para trocar ideias e experiências acerca de seus estudos, funcionando como um verdadeiro centro cultural citadino que recebeu especialistas e bibliófilos. Houve ainda uma outra forma de aproximação entre a Rio-Grandense e a intelectualidade, uma vez que muitos integrantes de tal categoria trabalharam como colaboradores da sociedade cultural, além de outros que serviram como membros ativos de sua diretoria, destinando seu tempo e esforços à causa da gestão da organização fundada em 1846.

Um desses intelectuais foi Abeillard Barreto, pesquisador e escritor, com forte ação vinculada à ciência histórica, que dedicou vários anos de sua existência à Biblioteca Rio-Grandense, participando de sua diretoria e ocupando a sua presidência, época na qual a entidade atingiu índices altíssimos de progresso, fosse na estrutura predial, fosse na sua ordenação de espaços internos e na organização biblioteconômica. Barreto desempenhou muito a contento o papel do intelectual, tornando-se um estudioso influente no contexto local, estadual, nacional e internacional.

Assim, a partir de uma intensa atuação, Abeillard Barreto veio a obter uma notoriedade no meio intelectual

de então. Dessa maneira, ele correspondeu ao papel do agente cultural, vindo a cumprir uma vocação e uma missão como pesquisador reconhecido em seu meio³⁴. Essa ação acabou por lhe conferir uma legitimidade intelectual, ainda mais nos temas de pesquisa de sua predileção³⁵, ficando suas tomadas de posição bem de acordo com o campo intelectual de sua época³⁶. Nessa linha, Barreto vinha ao encontro da perspectiva pela qual a sociedade demarcava a importância assumida pelas categorias e funções intelectuais, em um quadro pelo qual houve a busca por aprofundar e ampliar a intelectualidade, bem como o intento de multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las³⁷. De acordo com tal perspectiva, Abeillard Barreto, como era comum aos integrantes da intelectualidade de então, atuou em vários campos do conhecimento humano, mas sua maior notoriedade deu-se no desempenho do papel de historiador.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 87, 90 e 150.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 244 e 253.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 190.

³⁷ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 9.



Abeillard Barreto

Abeillard Vaz Dias Barreto (1908-1983) empreendeu uma das mais notáveis obras acerca da formação histórica sul-rio-grandense. Funcionário de carreira do Banco do Brasil, Barreto dedicou-se com extremo zelo à coleta de fontes históricas, com as quais montou um arsenal de fontes imensurável sobre a formação histórica gaúcha. Esse amplo manancial de documentos foi doado à Biblioteca Rio-Grandense – encontrando-se em parte hoje na “Sala Abeillard Barreto” –, instituição cultural para a qual o escritor dedicou especial atenção ao longo de sua vida, presidindo-a por treze anos, nos quais a mesma foi aprimorada e remodelada. O historiador pertenceu aos Institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Brasileiro, e do Uruguai e ao Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos.

Dentre a produção intelectual de Abeillard Barreto, destaca-se o clássico *Bibliografia Sul-Rio-*

Grandense, obra sem precedentes no levantamento de dados acerca dos cronistas/escritores que em seus trabalhos fizeram referências ao Rio Grande do Sul. Além dela, publicou também *Fontes para o estudo da história da ocupação espanhola do Rio Grande do Sul*, *A ocupação espanhola no Rio Grande de São Pedro*, *A expulsão dos espanhóis do Rio Grande de São Pedro*, *A expedição de Silva Pais e o Rio Grande de São Pedro*, *Tentativas espanholas de domínio do sul do Brasil*, *A opção portuguesa: restauração do Rio Grande e entrega da Colônia do Sacramento*, *A Colônia do Sacramento: aspectos náuticos da fundação e defesa*, *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul* e as obras póstumas *O Rio Grande de São Pedro* e *Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (1827-1850)*³⁸. Desse manancial de objetos de estudo, serão aqui destacadas duas das abordagens empreendidas por Barreto, uma sobre os escritos de cronistas estrangeiros a respeito do Rio Grande do Sul e outra, acerca da imprensa gaúcha.

A maior especialidade de Barreto e o ponto alto de sua notoriedade intelectual deu-se a partir da pesquisa acerca da literatura de viagem e dos estudos

³⁸ ALVES, Francisco das Neves. Abeillard Barreto e a imprensa gaúcha: uma introdução ao tema. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 79-80. A respeito da biografia de Barreto, ver: LAGES, João Marinônio Carneiro. Apresentação. In: BARRETO, Abeillard. *O Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: Editora da FURG, 1985. p. 7-10.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 68.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 52.

diversificados empreendidos acerca do Rio Grande do Sul. Desse modo, ao longo de sua carreira como historiador, uma de suas maiores preocupações foi a de amearhar e reunir documentos e informações sobre os cronistas e viajantes estrangeiros que tivessem realizado relatos sobre a formação sul-rio-grandense. Para isso, desenvolveu uma rede de relações com estudiosos e descendentes daqueles autores, recolhendo dados e documentação através de suas viagens e por meio de enorme quantidade de correspondências trocadas com os mais variados recantos do mundo. Tanto suas cartas quanto os resultados de suas pesquisas – documentais e bibliográficas – encontram-se hoje como parte do acervo da Biblioteca Rio-Grandense. Abeillard Barreto apresentaria palestras em eventos e publicaria alguns dos resultados parciais dessas pesquisas, entre as décadas de trinta e setenta, até conseguir atingir seu intento, com a publicação de sua monumental *Bibliografia sul-rio-grandense* entre 1973 e 1976.

Bem antes de publicar sua *Bibliografia*, Abeillard Barreto apresentava trabalhos envolvendo a temática, caso de *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*, publicado em 1937. No ensaio, o autor abordava os primeiros “cientistas” que fizeram alguma referência sobre o contexto sul-rio-grandense, em outras palavras, os relatos de estudiosos que, em suas variadas – e por vezes múltiplas – áreas de atuação dedicaram-se a tratar de determinados fundamentos da vida gaúcha. Sobre essas primeiras incursões ao tema, o autor fazia referência a uma certa carência de fontes a respeito do Rio Grande do Sul – ainda mais quando em comparação com outras regiões do país. Segundo Barreto, nos primeiros tempos, raros haviam sido os visitantes do

Continente de São Pedro e do Rio Grande do Sul Capitania, como poucos eram aqueles acerca da Província. Ainda sobre esses trabalhos inaugurais, o historiador rio-grandino lamentava a ausência da citação de fontes de parte dos autores, criando dúvidas, como no que se refere às obras de consulta, bem como à “ciência” em que trabalhavam os mesmos cronistas³⁹.

Convidado a participar do evento denominado *Fundamentos da cultura rio-grandense* – organizado pela Universidade do Rio Grande do Sul e que, junto dos anais lançados sobre cada uma das cinco séries da atividade acadêmico-cultural, com o conteúdo das palestras proferidas, constituiu um dos mais importantes acontecimentos para a história e a historiografia rio-grandense-do-sul – Barreto apresentaria o trabalho *Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul*. Comprovava-se, através do convite dos organizadores dos *Fundamentos da cultura rio-grandense* para a participação do estudioso rio-grandino, o reconhecimento do mesmo pelos membros da academia, identificando no historiador um digno representante da intelectualidade gaúcha de seu tempo.

Nesse ensaio, Barreto voltava a referir-se aos motivos que levaram a que as descrições sobre a vida gaúcha se tratassem de um processo mais tardio, quando comparado ao restante do Brasil. Para ele, desabrigada, sofrendo o castigo periódico de fortes vendavais, sem acidentes físicos ostensivos que despertassem maior curiosidade ao olhar perscrutador do navegante dos primeiros séculos, a costa do Rio Grande do Sul, ainda

³⁹ BARRETO, Abeillard. *As primeiras investigações científicas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1937. p. 4-6.

mais pela má fama de sua barra de acesso, não apeteceu àqueles que deixaram de suas andanças o depoimento escrito, de que outras paragens, mesmo próximas, não são parcas, caso de Santa Catarina e Uruguai, cujas orlas marítimas tiveram a preferência dos primeiros exploradores desses mares. E complementava, afirmando que, somente mais tarde, quando em decorrência dos desembarques, se foram fazendo conhecidos os caminhos terrestres, que o Rio Grande do Sul se iria desvendando aos poucos aos olhos do mundo⁴⁰.

O estudioso rio-grandino explicava que as primeiras notícias sobre as terras gaúchas vieram dos roteiros das margens atlânticas e, depois, quando o índio e o gado passaram a representar fontes de exploração econômica, foram os caminhos interiores que conformaram os “itinerários” então conhecidos e, ainda mais tarde, foram as necessidades políticas e militares, determinando levantamentos cartográficos, que estimularam as explorações e desenvolveram o conhecimento da gleba. De acordo com Barreto, o próprio fato de constituir um território litigioso entre as forças de expansão lusas e hispânicas também serviu como fator para que fossem mais raras as descrições sobre essas terras, restringindo-se, muitas vezes, às comunicações oficiais reservadas. Nas palavras do autor, foi com o alvorecer do século XIX que as narrações sobre o Rio Grande do Sul passaram por um incremento,

⁴⁰ BARRETO, Abeillard. Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul até 1900. In: *Fundamentos da cultura rio-grandense*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1962. 5ª série. p. 15.

tendo em vista que, àquela época, as sucessivas lutas no Prata, nas quais participaram numerosos mercenários estrangeiros, notadamente alemães, e a incipiente colonização estrangeira, sobre a qual, preferentemente, trataram autores daquela nacionalidade, que se desenvolveu o prelúdio das “explorações científicas” que se verificaram posteriormente a respeito do cenário sul-rio-grandense⁴¹.

A respeito da nacionalidade dos cronistas que se referiram ao Rio Grande do Sul, Abeillard Barreto explicava que a contribuição dos portugueses era primacial, por terem sido eles os donos da terra; a dos espanhóis, dos primeiros tempos, foi igualmente importante pelas reivindicações em relação ao território; a dos ingleses se avantajaria com uma série de livros publicados, notadamente a partir da forte influência comercial da Grã-Bretanha; a dos franceses teve alguns dos nomes mais citados; bem como importantes também foram suecos, dinamarqueses, belgas, suíços, italianos, russos e poloneses, os quais ofereceram algumas dezenas de estudos que serviram para alicerçar, diretamente conhecidos ou não, os fundamentos da cultura rio-grandense. A esse respeito, na concepção de Barreto, a colaboração mais substantiva fora a dos germânicos, destacando que deveria ser de reconhecimento público a cooperação decisiva da inteligência alemã, com as sucessivas viagens de seus nacionais ao Rio Grande do Sul e com as centenas de livros e monografias que a respeito escreveram⁴².

⁴¹ BARRETO. 1962. p. 15 e 17.

⁴² BARRETO. 1962. p. 46.

Fazendo um balanço de sua empreitada até então, Abeillard Barreto afirmava que, no levantamento bibliográfico que estava procedendo e ao acolher o convite que a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul lhe fizera, ficara empolgado pelo vulto qualitativo e quantitativo dessa contribuição, ao analisar as notas colhidas esparsamente em quase trinta anos de acesso a algumas bibliotecas do país e do estrangeiro. Barreto revelava uma proposta mais ampla, ao conclamar os estudantes e os estudiosos gaúchos a uma tarefa de maior truz, ou seja, a elaboração sistemática e cooperativa de um fichário da total bibliografia sul-rio-grandense, para que melhor os gaúchos se conhecessem àquela época, bem como no futuro. O autor apontava ainda que a centralização desse material poderia ser um cometimento de difícil execução, mas que também poderia ser satisfatoriamente substituída por um sistema de empréstimos inter-bibliográficos, os quais colocariam à disposição de todos, aqueles elementos de trabalho que estariam confinados aqui ou ali, reduzidos nos seus proveitos e apenas para a satisfação da vaidade da posse. Concluía o escritor que tal plano poderia sincronizar esforços e despertar aptidões, revelando-se, a partir dessas atitudes, um conteúdo verdadeiramente universitário⁴³. De acordo com tais perspectivas, Barreto já deixava bem evidenciadas suas intenções que se consolidariam, mais de uma década depois, com a publicação de sua *Bibliografia sul-rio-grandense*.

Entre 1973 e 1976, o historiador rio-grandino lançaria o resultado final de suas incansáveis pesquisas,

⁴³ BARRETO. 1962. p. 46-47.

com a edição do livro *Bibliografia sul-rio-grandense*, o qual teve por subtítulo – contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento e a integração do Rio Grande do Sul – no sentido de extrapolar conceitos como viajantes, cronistas, cientistas, entre outros, ou seja, sua obra se direcionava a apontar dados sobre todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram referências a mais meridional das unidades brasileiras. Nesse sentido, Abeillard Barreto oferecia ao público a mais completa obra acerca da temática abordada, fundamental para qualquer um que pretenda empreender estudos sobre o cenário rio-grandense-do-sul, constituindo, enfim, um verdadeiro marco na produção histórico e historiográfica gaúcha.

A respeito da perspectiva de abordagem de seu trabalho, Barreto afirmava que, a princípio, iniciara suas investigações fixando-se, essencialmente, no “livro”, nos viajantes estrangeiros ou nacionais, nos autores ou edições provinciais, modalidade que se revelou de difícil execução, mesmo se executada por uma equipe. Além disso, o autor explicava que também o conceito de viajante seria restritivo, uma vez que muitos dos que escreveram com proficiência sobre o Rio Grande do Sul nunca por lá andaram e, se ali estiveram, não foi em tal caráter. Na mesma linha, destacava que o “livro” seria apenas uma limitação física ao critério que pretendia dar à tarefa bibliográfica e, por isso, inclinara-se a superar essas limitações. Nesse sentido, buscou ampliar seus objetos de estudo, direcionando-se não apenas à literatura de viagem, mas englobando também trabalhos científicos, mapas, planos, artigos de revistas e jornais, relatórios, memórias, roteiros, correspondências e seus anexos, ou ainda a menção de pessoas que

aparentemente nada publicaram sobre a província, mas cujos dados biográficos permitiam supor a existência de trabalhos de sua autoria a esse respeito⁴⁴.

De acordo com essa visão, o escritor ampliava de forma descomunal seu horizonte de abordagem, o que lhe criou sérios obstáculos, transpostos, no entanto, em nome da fidelidade máxima ao intento de apresentar um trabalho o mais completo possível. A esse respeito, revelava Barreto que, se de sua pesquisa fossem excluídos todos aqueles documentos que não constituíssem a categoria “livro”, a tarefa teria sido fácil, mas o âmbito mais estreito lhe teria tirado a compleição decorrente do aproveitamento de todos os elementos que pudessem ser reunidos. Permanentemente atento à questão da coleta e da execução da crítica externa e interna dos documentos, o historiador destacava que, no surgimento de dúvidas, sempre buscara saná-las mediante a utilização de fontes idôneas, muitas vezes atingindo os arquivos locais ou municipais em meio aos quais seria possível encontrar os dados pertinentes⁴⁵.

Assim, Abeillard Barreto, apesar do enorme manancial de fontes levantado, revelava significativa modéstia, ao explicar que seu trabalho não era completo. Deixava ele evidenciada a visão consciente do historiador que reconhece que seus escritos podem vir a ser complementados, superados ou até refutados (o que, no caso em estudo, até então não ocorreu, e dificilmente ocorrerá), uma vez que a história constitui uma ciência cuja forma de aquisição do conhecimento é cumulativa,

⁴⁴ BARRETO, Abeillard. *Bibliografia sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1. p. 1-2.

⁴⁵ BARRETO. 1973. p. 2-3.

além do que, ela passa, constantemente por renovações e reorientações, mormente no campo teórico-metodológico, demarcando-se variadas formas de interpretação de acordo com os diversos contextos históricos e historiográficos.

Nesse sentido, Barreto explicava que, ainda que os bibliógrafos aspirassem a que seus trabalhos pudessem ser completos, tal desejo nunca seria atingido na execução, uma vez, que na maioria dos casos, sendo essas obras fruto de demorada pesquisa ou da acumulação de dados durante um período prolongado, na medida em que novos conhecimentos viessem a ser acrescidos, a evolução dos conceitos levaria a alterações ou modificações tendentes a destruir a unidade do trabalho e até a torná-lo claudicante, pela exclusão de fontes que só o tempo passaria a considerar válidas no contexto geral⁴⁶. Apesar das cuidadosas ressalvas expressas pelo próprio autor, até os dias de hoje, sua *Bibliografia* continua a ser uma obra insuperável e de consulta obrigatória a todos aqueles que pretendem edificar trabalhos sobre o Rio Grande do Sul.

Além desse trabalho com os cronistas estrangeiros, Abeillard Barreto teve outros focos de pesquisa, como a História da Imprensa e a História do Rio Grande do Sul Colonial. Além de escritor, desempenhou uma relevante atuação no campo editorial, sendo um dos responsáveis/incentivadores por várias iniciativas da Biblioteca Rio-Grandense nesse campo. De acordo com tal perspectiva, atuou fortemente na edição de obras que a casa cultural rio-grandina promoveu nas décadas de 1930 e 1940 e esteve à frente

⁴⁶ BARRETO. 1973. p. 1.

do lançamento do *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos* – entidade subsidiária da Biblioteca – uma publicação que divulgava trabalhos acerca da formação histórica gaúcha.

Assim, uma das preocupações de Barreto foi com a disponibilização ao público de alguns dos tantos acervos presentes na Biblioteca Rio-Grandense, por meio da publicação de obras. Sua ideia era ampliar ainda mais o alcance sociocultural da instituição como promotora de uma constante ação informativa/educativa, mormente no que tange aos temas de natureza histórica. Nesse sentido, um dos grandes intentos do diretor da instituição e intelectual militante foi a possibilidade da edição no formato de livros da obra de José Arthur Montenegro, um cidadão cearense de origem, que residiu por considerável período na cidade do Rio Grande e teve uma intensa ação como pesquisador, notadamente em relação à Guerra do Paraguai, o que daria origem a um dos maiores acervos documentais acerca da Guerra da Tríplice Aliança.

José Arthur Montenegro (1864-1901) teve uma múltipla atuação profissional. Começou como marítimo e, muito jovem, entre os quatorze e os dezesseis anos, estudou pilotagem, navegando pela costa brasileira. Viria a sair de sua província natal, o Ceará, promovendo uma mudança geográfica drástica em sua existência, ao mudar-se para o extremo-meridional do Brasil, cursando a Escola Militar, no Rio Grande do Sul, entre os dezessete e os vinte anos. Permaneceu no sul, servindo no exército até completar cinco lustros de existência. Daí em diante, deixou o serviço militar, vindo a atuar como amanuense e arquivista em empresa férrea que ligava a capital rio-grandense à fronteira. Aos trinta e três anos

retornou ao Ceará, secretariando outra entidade ferroviária, mas aí permaneceu pouco tempo, retornando ao Rio Grande do Sul, obtendo ocupação novamente no ramo ferroviário. Fixando residência mais uma vez na cidade do Rio Grande, exerceu funções vinculadas à empresa encarregada da reestruturação viária citadina até o seu falecimento.

Ao lado de todas essas atividades que garantiram a existência individual e familiar, Montenegro desempenhou uma outra carreira. Esta não lhe rendia o vil metal que permitia o sustento, mas expressava sua verdadeira vocação. Notadamente a partir da segunda metade dos anos 1880, ele exerceu uma ativa vida intelectual, dedicando-se a pesquisar e escrever sobre assuntos variados relativos a diversas áreas do conhecimento humano, como a história, a geografia, a literatura e o jornalismo. Tal ação foi tão marcante que Arthur Montenegro contou com a aceitação e o reconhecimento junto a diversas entidades científicas e culturais de sua época, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. Nessa linha, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, à Sociedade de Geografia de Lisboa, ao Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, ao Instituto Geográfico Argentino, ao Ateneu de Buenos Aires, ao Centro Literário do Ceará, à Academia Cearense, à Associação Guerreiros do Paraguai, ao Instituto de Coimbra e à Associação dos Homens de Letras de Caracas.

Conciliando os encargos profissionais com a índole intelectual, Montenegro não poupou esforços para promover pesquisas, empreendendo incansável

labuta na busca de documentação que corroborasse com a execução de seus trabalhos. Suas profissões não lhe trouxeram riqueza, mas sua vocação permitiu-lhe amedidar um enorme cabedal de saber. Estudou temas variados, mas seu assunto predileto era a Guerra do Paraguai, promovendo indelévels investigações acerca de tal conflito. Tendo em vista os poucos recursos, os altos custos de edição e a prematura morte, não chegou a atingir seu intento de publicar uma volumosa obra sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Mesmo assim, conseguiu editar vários de seus trabalhos no formato de livro, seja como autor, tradutor, introdutor e/ou anotador; e também na condição de artigos jornalísticos que se espalharam por periódicos, mormente sul-riograndenses e cearenses.

Sua especialidade era a História Militar, demonstrando amplo conhecimento da temática, desde os tempos mais remotos, até os contemporâneos. Nesse sentido, estudou amplamente a Guerra do Paraguai, sobre a qual deve ter ouvido comentários desde a infância e juventude, vindo a buscar cada vez maior quantidade de informações, a partir da investigação histórica, fosse por meio da observação de documentos, fosse através de uma verdadeira rede de comunicações que estabeleceu, correspondendo-se com militares e estudiosos de várias partes do Brasil e do mundo. Sua formação e ação militar também contribuíam para um melhor entendimento das questões em estudo. Além do conflito promovido entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, promoveu pesquisas a respeito de outros confrontos praticamente coetâneos a esta, como a guerra franco-prussiana e outro, um pouco mais tardio, o enfrentamento entre Chile, Peru e Bolívia. Também

realizou estudos biográficos, literários e geográficos, estes no contexto rio-grandense-do-sul, brasileiro e americano⁴⁷.

Nesse sentido, boa parte da produção intelectual de José Arthur Montenegro foi publicada em diversos periódicos. Apesar de sua profícua pesquisa, foram poucas as obras de sua lavra editadas no formato de livros, caso de *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul* (1895) e *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1900). Sua atuação na coleta de documentos foi também coroada com a publicação de livros por ele traduzidos, introduzidos e/ou anotados, como *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1891), *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre* (1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruguai* (1900).

Outras pesquisas projetadas por Montenegro foram publicadas, parcial ou integralmente, junto à imprensa, como foi o caso de *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881; Cristóvão Colombo e o descobrimento da América; Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*; além de vários outros trabalhos. Tais edições ficaram espalhadas por periódicos como os gaúchos *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (Rio Grande), *Almanaque Popular Brasileiro* (Pelotas),

⁴⁷ ALVES, Francisco das Neves. O escritor José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: fragmentos históricos e fotográficos*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 12-14.

A Atualidade (Rio Grande), *Correio Mercantil* (Pelotas), *Diário do Rio Grande* (Rio Grande) e *Eco do Sul* (Rio Grande); os cearenses *A República*, *Revista da Academia Cearense* e *Almanaque Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará* (todos de Fortaleza); bem como no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Outras dentre suas obras projetadas acabaram por permanecer inéditas: *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai* (planeada para vários volumes); *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*; *Dicionário das madeiras do Brasil*; *As ilhas do Brasil*; e *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*⁴⁸.

⁴⁸ Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; e STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.



José Arthur Montenegro

Para levar em frente seus projetos, especialmente a obra *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai*, José Arthur Montenegro promoveu um incansável trabalho de coleta de fontes. Para tanto colecionou uma enorme quantidade de fotografias de participantes do conflito e homens públicos da época; cópias de obras de arte e registros iconográficos da imprensa ilustrada que mostravam cenas do teatro de operações; mapas e plantas, inclusive de sua própria autoria, das regiões por onde alastrou-se a guerra; e um vasto referencial bibliográfico e textos impressos em geral que trouxessem algum aspecto estrutural/circunstancial sobre o confronto internacional. A coletânea era completada ainda por recortes de jornal e vários manuscritos.

Diante da precocidade da morte, que interrompeu os caminhos do pesquisador, parte de seu inestimável acervo ficou sob os cuidados da Biblioteca Rio-Grandense, sob a denominação de Coleção/Arquivo Montenegro. Tal segmento documental despertou a atenção de Abeillard Barreto, que elegeu como um de seus objetivos divulgar tão relevante acervo e levar em frente a meta editorial do pesquisador cearense/gaúcho, no sentido de buscar possibilidades para a publicação do projetado livro acerca da Guerra da Tríplice Aliança. Foram várias as ações de Barreto para levar em frente o escopo de valorizar aquele acervo e divulgar a obra do responsável pela sua coleção. A partir de tal meta, não deixou de utilizar como recurso o seu reconhecimento intelectual, transformando-se em verdadeiro articulador de tal projeto. Essa atitude ficou bem demarcada em diversos momentos, como foi o caso de um artigo que escreveu no diário citadino *Rio Grande*, no contexto do centenário da Biblioteca Rio-Grandense; em meados dos anos 1940; da redação de um texto que teria o papel de ser a apresentação do livro de Montenegro, quando mais uma vez se levantou a possibilidade de sua edição, ao final da década de 1950; e por ocasião de uma exposição organizada no Rio de Janeiro, alusiva ao centenário do encerramento da Guerra do Paraguai, em 1970.

Em maio de 1946, três meses antes da efeméride que demarcaria o centenário da Biblioteca Rio-Grandense, Abeillard Barreto escreveu no periódico *Rio Grande* o artigo intitulado “O espólio intelectual de José Arthur Montenegro”⁴⁹. No texto, de início, Barreto

⁴⁹ BARRETO, Abeillard. O espólio intelectual de José Arthur Montenegro. In: *Rio Grande*, a. 23, n. 103, 15 maio 1946, p. 1.

exaltava o papel de Montenegro como estudioso, ressaltando que “não será estranho, por certo, àqueles dedicados ao estudo de nossa história ou àqueles, mais idosos, que testemunharam o albor do nosso século”, a referência ao “nome de José Arthur Montenegro, de tão larga ressonância na época”. Dizia que, por ocasião do falecimento do estudioso, “teve o fato a mais ampla divulgação pela imprensa, que não regateou louvores ao ilustre morto”, tanto que “os almanaques regionais então existentes traçaram sentidos necrológicos de seu colaborador desaparecido”. Na mesma linha, enfatizava que “as revistas científicas contemporâneas” também “souberam transmitir a seus leitores a mágoa que refletiam com a perda de tão proficiente membro de seus quadros sociais”.

Em seguida, o historiador rio-grandino abordava alguns detalhes biográficos de Montenegro, explicitando que “viera de família assaz pobre” aquele “infatigável cultor das letras”, narrando que, “aos quatorze anos de idade, nascido que fora a 20 de fevereiro de 1864, em Uruburetama, no Ceará”, dava início à “vida como simples marinheiro”, ao passo que, “seis anos mais tarde apenas, já então como sargento do Exército, após um curso de preparatórios feito como praça de linha na Escola Militar”, Montenegro começava a encontrar “o seu destino”, ao entregar-se “à versão de alguns capítulos do ‘Exame crítico da história da geografia do Novo Continente e dos progressos da astronomia náutica nos séculos XV e XVI”, de autoria “do sábio alemão Humboldt”.

No prosseguimento do artigo, Barreto ressaltava que Montenegro “não publicaria desde logo” aquele trabalho de tradução, “talvez mesmo pela dificuldade

material” de levá-lo em frente, entretanto, “nem por isso diminuiria o entusiasmo ou perderia o estímulo”, tanto que “é do mesmo ano outra tradução de sua lavra, desta feita de obra integral e mais brasileira”, para a qual “não deixaria de acrescentar algumas anotações”, tratando-se da “Viagem pitoresca pelos Rios Paraná, Paraguai, São Lourenço, Cuiabá e Arinos, com a descrição da Província de Mato Grosso’, de Bartolomé Bossi”. Dando continuidade à narração, Abeillard Barreto, apontava que, “mais alguns anos de caserna e a amizade que acidentalmente entabulou com o Visconde de Taunay” iriam traçar “rumos definitivos à curiosidade intelectual” de Arthur Montenegro, “orientando-a para as letras históricas e, nelas, de preferência para os fatos concernentes à Guerra com o Paraguai”.

Apesar do direcionamento das pesquisas estar traçado em torno do conflito da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Barreto destacava que Montenegro suberia “entremear essa atividade com a publicação de alguns estudos de geografia, a que deu o título de ‘Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul’”, as quais “lhe propiciaram os maiores encômios da imprensa, notadamente do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro” e ainda “a admissão à Sociedades de Geografia”, vindo ele a anunciar, “mais tarde outros trabalhos e igual índole, se, todavia, chegar a editá-los”.

Em relação à especialidade da pesquisa de Montenegro, Abeillard Barreto argumentava que, “quanto à guerra contra o tirano Lopez, não há dúvida de que foi, na época, o maior pesquisador de suas causas”, assim como “o mais fiel conhecedor de seu desenvolvimento militar e político”. Demarcava também que, “no decurso dessas investigações, obteve o original

das ‘Memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre’, que traduziu e anotou”, produzindo “duas edições consecutivas, uma em setembro, outra em dezembro de 1893”. Na mesma linha, citava que José Arthur “divulgou, também em versão, as ‘Monografias históricas’ de Juan Silvano de Godoy”, a qual “juntou o depoimento do general paraguaio D. Francisco Isidoro Resquin, prestado em conselho de guerra, depois de prisioneiro no Aquidabã”. Em relação a estas duas últimas obras, Barreto explicava que “o primeiro trabalho é a condenação moral de Solano Lopez”, a partir do “relato que faz dos suplícios e sofrimentos infligidos a mais de quatro mil mulheres e crianças da sociedade de Assunção”, entre as quais “uma décima parte apenas conseguiu libertar-se mais tarde”; ao passo que “o segundo é o repúdio à sua estratégia militar e à sua visão política por aqueles que em melhores condições estavam de fazê-lo”.

Na coluna escrita para o jornal *Rio Grande*, Barreto evidenciava que nas fontes acerca do confronto bélico no Paraguai foi que Montenegro “construiu os alicerces de sua ‘História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai’”, a qual “tencionava publicar em nove volumes, sendo seis de texto, dois de documentos justificativos e um atlas” contendo “mapas, planos de combate, perfis de fortificações, etc.”. Afirmava também que, além das fontes históricas, o pesquisador cearense/rio-grandense “se apoiava em riquíssima bibliografia, que discriminou no *Diário do Rio Grande*, com a citação de perto de setecentas obras, da generalidade por ele consultadas”. Ressaltava igualmente que “o notável documentário reunido, em diários de campanha, em depoimentos epistolares, em

material iconográfico”, fora “de tal vulto que o impossibilitou de terminar a grande tarefa, vencido que foi inexoravelmente pela morte”, quando a obra estava “ainda em meio”.

Já se referindo ao acervo remanescente, Abeillard Barreto detalhava que, “dada a natureza da moléstia” – a tuberculose – “foi encaixotado, por sugestão do médico assistente, o opulento arquivo de Montenegro, que passou a sofrer alguns desfalques”, mas “felizmente de restrita significação para o conjunto”. Por outro lado, explicava que o mesmo “não se deu com sua correspondência ativa e passiva, na qual sempre colocou inusitado empenho”, mas que “praticamente se tornou inútil pelas peças que lhe foram defraudadas”. Em compensação, Barreto demarcava que “nem tudo foi perdido”, pois “cerca de trinta mapas, alguns em original; várias reproduções e miniaturas autografadas de quadros de Pedro Américo e Vítor Meireles”; aproximadamente “mil retratos de oficiais dos exércitos em luta; dezenas de diários de campanhas, de fés de ofício, de descrições topográficas”; e ainda, “finalmente, alguns livros foram preservados”.

No que tange a tal espólio, Barreto especificava que a Biblioteca Rio-Grandense pudera “obter tão valiosa coletânea”, e “com ela constituindo o núcleo, assaz desenvolvido mais tarde, de uma estante dedicada exclusivamente à história de nossa luta com Solano Lopez”, que viria a transformar-se, “tal a riqueza que encerra, em uma sala adequada a rememorar o espírito do ilustre escritor cearense”. Argumentava que seria “justo por todos os títulos, aliás”, que assim acontecesse, já que a “fortuna não foi pródiga com Montenegro sob este aspecto”. Tal asserção era justificada tendo em vista

que ele, “lutando com dificuldades financeiras, além das oriundas da própria doença”, teve “quase todos seus trabalhos divulgados esparsamente na imprensa”, ou ainda “permaneceram inéditos”.

Mantendo a arguição, o historiador rio-grandino afirmava que seria ainda “maior o desalento ao saber-se que justamente uma semana antes de sua morte é que terminava a impressão dos *Fragmentos históricos*” – um dos livros publicados por Montenegro –, “cujo custo por isso mesmo não chegou a ser pago”, de maneira que essa “involuntária falta fez com que o editor, sem poder utilizar os direitos autorais”, viesse a procurar “ressarcir o prejuízo, vendendo quase toda a tiragem como envoltório das moedas de cobre que então cursavam largamente”. Detalhava que, entretanto, “tal iniciativa proporcionou a salvação de boa parte dos exemplares impressos, quando, alguns lustros decorridos”, foram adquiridos pela Biblioteca Rio-Grandense, “para intercâmbio, dando ensejo a que se divulgasse uma obra até então da mais subida raridade”, já que “tão poucos” foram “os volumes obtidos por um ou outro curioso – e de valor intrínseco bastante acentuado, tais os conhecimentos que transmite”.

Levando em frente o escopo de valorizar “a memória de José Arthur Montenegro”, Abeillard Barreto defendia que “mais poderá valer a publicação de suas ‘Efemérides das campanhas do Uruguai e do Paraguai’, as quais “permaneceram íntegras em seu espólio, como reforço ao conceito em que foi tido o inditoso escritor”. Esclarecia que não seriam “outros os propósitos da secular instituição da cidade do Rio Grande, cuja sadia orientação tem afastado as ideias egoístas” que pudessem “tolher sua operosidade e benemerência”.

Nesse sentido, sustentava que tal casa cultural, na condição de “proprietária legítima dos direitos autorais de todas as obras de Montenegro, ao tomar a iniciativa” da edição da obra, executaria uma ação que a recomendaria “ainda mais ao apreço público, em consonância com a anterior medida de defesa do arquivo iconográfico” a partir da “disseminação de cópias das peças que o compõem”.

De acordo com o escritor rio-grandino, o intento da edição da obra de Montenegro parecia guindado ao sucesso, a partir do envio dos originais “integralmente para o Ministério da Guerra e parcialmente para outras entidades interessadas”. Em defesa da Biblioteca Rio-Grandense, Barreto destacava que “o exclusivismo tacanho e nada construtor, tão próprio dos colecionadores e bibliófilos”, não tivera “guarda na velha entidade”, pois “ela tem sabido conservar imaculados os princípios com que foi concebida sua organização”, no sentido do “auxílio generoso àqueles que batem à sua porta”. Em conclusão, o articulista reforçava que a Biblioteca mantivera “permanentemente animado o espírito que lhe deu origem”, o que trazia consigo “o fundamento de sua longevidade” e mesmo “o segredo de sua reputação”. O projeto, entretanto, não chegou a um bom termo.

Passada mais de uma década, em 1957, estando em Montevidéu, Abeillard Barreto teria mais uma vez a oportunidade de enaltecer a obra de José Arthur Montenegro e reforçar a perspectiva da valorização de seu acervo contido na Biblioteca Rio-Grandense e do intento de levar em frente a publicação de seus escritos ainda inéditos. Levando em conta tal objetivo, o estudioso rio-grandino escreveu algumas páginas que

poderiam servir como uma espécie de prefácio para as *Efemérides* de Montenegro, diante de uma nova possibilidade da sua edição no formato de livro. A intenção, entretanto, mais uma vez não se confirmaria, restando o texto datilografado em prol daquela causa como mais uma das valiosas peças do acervo da Biblioteca⁵⁰.

Logo na abertura de seu escrito, Barreto declarava que “num trabalho paciente de reconstituição, que bem se identifica com o metódico e perseverante esforço do autor”, poderia “a Biblioteca Rio-Grandense, da cidade do Rio Grande, entregar à publicidade o texto completo das *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*, do ilustre historiador José Arthur Montenegro”, o qual falecera “no dia 3 de abril de 1901, nesta cidade litorânea do extremo meridional do Brasil”, podendo “fazê-lo porque lhe sobrou extrema boa vontade em promover a divulgação desse repositório incomum de notas relativas aos fatos que culminam com a morte de Lopez”.

De acordo com Barreto, “de tudo quanto se tem escrito sobre a luta contra o tirano de Assunção, nada se revestirá, talvez, da mesma ênfase documental” a qual “Montenegro imprimiu a seus trabalhos”, uma vez que “seu arquivo foi único, pelas peças originais que encerrou, e quicá íntegro” a partir da “abundância de provas que coligiu, quer de uma, quer de outra das facções em guerra”. Ressaltava que, “para se ter uma ideia precisa do valor imensurável desse documentário, basta que sejam compulsadas estas *Efemérides*”, nas quais

⁵⁰ BARRETO, Abeillard. *José Arthur Montenegro*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 1957 (datilografado).

“a minúcia dos feitos está sempre a par da probidade com que foram narrados”.

O historiador sul-rio-grandense sustentava que, “salvando da destruição e do abandono em que se achava o remanescente desse importante arquivo, ainda encerrando verdadeiros tesouros”, tais como “cerca de mil fotografias de oficiais brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios”, e “muitos outros papeis, originais e cópias, de grande significação”, aquela centenária Biblioteca poderia “ufanar-se de haver prestado relevantíssimo serviço ao Brasil, que mais evidente” poderia “tornar-se, se, auxiliada que merece, puder levar a cabo a tarefa de divulgá-los”. Demarcava ainda que, “dentro desse critério salutar, já foram cedidos ao Ministério de Guerra, através da ilustrada Comissão Diretora da Biblioteca Militar, algumas centenas de cópias das aludidas fotografias”, além de ter “sido propiciada a reprodução de todos os demais retratos já devidamente identificados e catalogados”, e ainda “das gravuras e dos mapas, alguns destes originais do próprio Montenegro, que se evidenciava como cartógrafo de amplas faculdades”.

Barreto enfatizava o “cunho indelével” que “imprimiu Montenegro aos seus ensaios pela extrema probidade com que os escrevia”, sendo “provas da assertiva” o “fato de haver ele antecedido a publicação das *Efemérides* na imprensa diária do país”, no “*Diário do Rio Grande*, Rio Grande, correspondente aos meses de janeiro a fevereiro”, e na “*República*, de Fortaleza, a alguns outros meses”. A partir de tais registros, era citada uma nota da lavra do próprio Montenegro, garantindo que daria “a conhecer meu livro sobre o Paraguai”, provocando “discussão, donde far-se-á luz

sobre muitos casos ainda obscuros, e atrairei para o meu arquivo os dados que me faltam”.

Em outro trecho, o pesquisador rio-grandino dava mais uma vez voz a Montenegro, citando “carta endereçada a Sacramento Blake”, no qual aquele dissera que lhe “faltando ainda muitos dados sobre esta última (*Guerra da Tríplice Aliança*, obra que não chegou a publicar)”, os quais “só poderia ir obtendo com vagar e muito esforço”, bem como “muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir, pois, até agora, só obtive 986”, estaria “resolvido a não sacrificar a obra apressando-me a publicá-la sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos”, para o que estaria “disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que ao entregá-la ao público” pudesse afirmar: “eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania”. E completava a citação, ao destacar a fala do autor, segundo o qual “a publicação das *Efemérides* muito virá auxiliar-me no desempenho do compromisso que tomei perante o país”.

Barreto prosseguia narrando os projetos e os infortúnios de Montenegro, explicitando que este anunciara “já ter lavrado contrato para a publicação” de sua “obra, com uma tiragem de 6.000 exemplares e entrega dentro de cinco meses, isto é, até fins de 1894”, mas que não pudera “levar a cabo a empresa, supervenientes sempre fatores materiais de ordem econômica a coibi-la”. Chegava a citar à guisa de exemplo, que constava “dos próprios arquivos da Biblioteca Rio-Grandense um título de dívida de Rs. 2:000\$000, passado por J. Arthur Montenegro em 1897, dando ao credor”, na condição de “hipoteca, todos os

originais de suas obras já publicadas ou em vias de sê-lo, bem como todo o imenso documentário sobre a Guerra do Paraguai que já reunira”.

Diante disso, o historiador rio-grandense-do-sul diagnosticava que, “indubitavelmente, era essa, até há bem pouco tempo, a situação da generalidade dos intelectuais brasileiros”, o que se agrava no caso de Montenegro, sendo para ele “mais graves as vicissitudes, pela pertinaz tuberculose da laringe que o acometera”. Descrevia que, “de compleição franzina, trabalhando em excesso”, fosse “no emprego que lhe dava subsistência e à família, para a qual tinha carinhos extremos e as maiores atenções”, fosse “no trabalho esfalfante da pesquisa e coordenação dos documentos”, ou “ainda em outras diversas e muitas ocupações intelectuais, Montenegro praticamente desgastou-se em quinze anos de atividades múltiplas e ferazes”. Era descrito também que, aquele que percorresse “os planos, cartas, regulamentos da extinta Estrada de Ferro Porto Alegre – Uruguaiana”, poderia “bem aquilatar o alto valor que tinha” Montenegro, “como funcionário, pela exação e pelo cuidado posto em qualquer serviço”, tanto que “não lhe regateava encômios” um de seus chefes, “apreciador que era das qualidades superiores de seu subordinado”.

A ação do pesquisador era exaltada por Barreto, ao constatar que “as atividades de Montenegro vinham em crescendo vertiginoso”, uma vez que, correspondência, ele a mantinha com os vultos mais notáveis da América do Sul, nas letras e nas artes”. Nesse caso, para “Vitor Meireles expedia notas e criticava particularidades dos esboços que lhe eram submetidos”; e para “Mitre pedia esclarecimentos e os

contraditava, para avivar a discussão". Ao mesmo tempo, "do Visconde de Maracaju, de Sacramento Blake, de Taunay, dos Barões de Cruz Alta, Santa Marta e São Jacó", assim "como de tantos outros titulares do Império e de inúmeros oficiais superiores do exército aliado, se fizera amigo", e mesmo "amigo às deveras, deles recebendo testemunhos, documentos importantes, fotografias, etc.", em "contínuas oferendas pessoais, talvez só rivalizáveis em minúcias esclarecedoras com os depoimentos prestados por Mitre ou pelo Barão do Rio Apa", apontado como "um dos heróis de Itororó. Já da parte de "Sacramento Blake e de outros muitos médicos e cirurgiões da campanha" conquistara "a afeição, que lhe redobrava o estímulo".

Abeillard Barreto enfatizava que "tudo isso Montenegro realizava à distância, sem credenciais outras que a do seu trabalho e do grande poder de organização que possuía", de maneira que, "através da correspondência", se afirmou "como um dos maiores, se não do maior epistológrafo que já teve o Brasil", de modo "que o malfadado historiador patricio construiu um mundo, em derredor da pequena e modesta casa de sua residência". Nessa linha, o historiador fazia outra referência à jornada de Montenegro, detalhando que, "coroando dez anos de porfiada luta, o governo de Floriano Peixoto premiou-o com uma viagem ao Rio de Janeiro, em agosto de 1894", com a finalidade "de compulsar pessoalmente documentos existentes nos arquivos oficiais", estímulo obtido pela influência dos "Viscondes de Taunay e Maracaju", assim como do "próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que tornaram possível essa imprescindível consulta às fontes documentais da metrópole".

Barreto conjecturava que tal incursão ao Rio de Janeiro para aprofundar suas pesquisas fora também “de funestas consequências, por nela se agravar o estado de saúde do ilustrado historiador”, uma vez que, “visitando os Barões do Rio Apa, então residentes em Santa Teresa, Montenegro serviu-se de bebida gelada, embora transpirando enormemente”, originando-se de tal ato “forte gripe, que minou totalmente aquele organismo já combalido por trabalho exaustivo e impenitente”. De acordo com o narrador, “nem por isso, entretanto, cessaria o esforço ou esmoreceria o entusiasmo”, pois, “ao contrário, dando-se conta da situação, redobrava-os, esperando ganhar na intensidade o que sabia perdido em extensão”. Frente a tal ânimo, entretanto, antepunham-se os óbices da realidade, uma vez que “os encargos de família também cresciam e as edições até então aparecidas se haviam mostrado deficitárias”, em quadro pelo qual “a vida material procurava absorver quem tanto dela fazia por afastar-se”.

Levando em conta tal situação, Abeillard Barreto demarcava mais uma momento de inflexão na existência de seu biografado, descrevendo que Montenegro “segue para o Ceará, em fins de 1897, lá se demorando quatorze meses”. Descrevia que, entretanto, “as melhoras, embora algumas, não eram, porém, de molde a recomendar a permanência no Estado natal”. A própria pesquisa era prejudicada, “por lá ficar inteiramente afastado das principais fontes a que deveria ainda recorrer para a conclusão da *História da Guerra da Tríplice Aliança*”, de modo que “voltou para a cidade do Rio Grande”, para mais uma vez trabalhar em empresas ferroviárias “até a data do falecimento”.

Em seguida, Barreto reforçava a descrição que fizera anteriormente acerca da última obra de Montenegro, afirmando que, nos “três anos de sofrimento que a vida lhe reservava, nada mais entregou à publicidade, a não ser, já às portas da morte, os *Fragmentos históricos*,” um “registro de episódios vários da Guerra do Paraguai, cuja impressão ficaria pronta justamente às vésperas do falecimento”. O biógrafo ressaltava mais uma vez que tal edição “por não ter sido paga antecipadamente, foi vendida pela tipografia, tempos depois, para envolver moedas de cobre”, que então eram “de uso intensivo no país, constituindo verdadeiras raridades os exemplares, pouquíssimos, em poder de bibliotecas ou particulares”. Explicava que, “tendo desaparecido “quase, todavia, a circulação do dinheiro amoeado, um saldo dessa tiragem, de cerca de seiscentos volumes” foi “adquirido quarenta anos mais tarde pela Biblioteca Rio-Grandense, que os tem distribuído por muitas instituições nacionais e estrangeiras”, repetindo aquilo que “já o fizera com outras obras do mesmo autor”.

Em prosseguimento, o historiador rio-grandino realizava alguns esclarecimentos sobre o conjunto da obra de Montenegro⁵¹, constatando que, conforme o

⁵¹ Nesse sentido, Barreto descrevia: O senhor Afonso d'Escragnoille Taunay, no tomo VII dos tão justamente apreciados *Anais do Museu Paulista*, diz à página 451, referindo-se ao lugar do nascimento do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que o “descobriu o modesto e conscienciosíssimo erudito José Arthur Montenegro, que tão formidável material armazenou para o estudo da história da Guerra do Paraguai, sem que a morte o deixasse valer-se de

observado, “nem só a guerra com Lopez era o tema favorito de tão superior espírito”, passando a relacionar sua bibliografia em ordem cronológica:

→ *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional*, de 1893;

→ *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*, tradução anotada do manuscrito original, Rio

tão copioso quão rico acervo, penosamente e em longos anos acumulado”. O caso, entretanto, não é bem este. Montenegro lutou sempre com falta de meios. Em 1894, já tinha delineado o esquema da obra principal que se propunha escrever, tanto assim o gizou a Sacramento Blake e ao Conselheiro Araripe, no Rio de Janeiro. Logo no ano seguinte, quando editou a expensas próprias a tradução das *Monografias históricas* de Juan Silvano de Godoy, anunciou o próximo aparecimento da mesma obra, de que estas *Efemérides* já constituíam um extrato. Sete anos, portanto, teriam sido suficientes para o término da obra, que estaria bastante adiantada, pois, além de mapas e gravuras que a ilustrariam, algumas centenas de retratos já estavam até copiados em tamanho único e colados em cartões, impressos com gosto, e destinados à reprodução em clichês. Posteriormente a essas *Monografias*, somente publicou Montenegro as *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, em 1895 – opúsculo cuja tiragem foi quase gratuita, em virtude do interesse que por ela tomou seu grande amigo Alfredo Ferreira Rodrigues, então gerente da Livraria Americana, no Rio Grande – e os *Fragmentos históricos*, cuja edição, como já dissemos, não chegou a ser paga. Pouco antes da morte, também havia anotado e prefaciado *O Uruguai*, de Basílio da Gama, em edição que fez a Biblioteca Pública Pelotense, comemorativa do 4º centenário do descobrimento do Brasil, mas essa publicação correu por conta exclusiva da editora, sem qualquer ônus ou vantagem do anotador.

Grande, Livraria Americana, 1893 (1ª edição de setembro e a 2ª de dezembro);

→ *Guerra do Paraguai – monografias históricas*, Rio Grande, Livraria Americana, 1895, 130 páginas, tradução anotada da obra sob igual título de Juan Silvano de Godoy, contendo em apêndice o capítulo VIII do livro *D. Pedro II*, de Benjamin Mossé (hoje sabidamente escrito pelo barão do Rio Branco) e o depoimento do general Francisco Isidoro Rasquin, chefe do estado maior de Lopez, quando feito prisioneiro em Aquidabã;

→ *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul*, Rio Grande, Livraria Americana, 1895, 60 páginas;

→ *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, com anotações de J. Arthur Montenegro, Pelotas, Echenique Irmãos e Cia., 1900, 142 páginas, cpa em tricronomia, edição da Biblioteca Pública Pelotense, comemorativa do 4º centenário da descoberta do Brasil; e, finalmente,

→ *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai – 1ª série*, Rio Grande, Livraria Rio-Grandense, 1900 (mas, efetivamente terminada a impressão em 1901), 114 páginas.

Ao final de seu escrito, Abeillard Barreto apresentava uma nota na qual revelava a historicidade de seu projeto em torno da edição da obra de Montenegro. Nessa linha, afirmava que, “mais ou menos em 1943, cogitando-se de fazer a edição das *Efemérides*”, começara “a escrever o prefácio”, o qual, naquele escrito de 1957 fora “ligeiramente alterado porque, então, essa tiragem seria feita em convênio com a Biblioteca Militar”. Mas faltara “terminá-lo, para o que seria necessária a consulta às coleções do *Diário do Rio Grande*, *Eco do Sul* e outros jornais do período de 1890-1901 da cidade do Rio Grande”, assim “como a da *República*, de

Fortaleza, do mesmo período”. Apontava ainda que, “igualmente, ter-se-ia de recorrer à *Revista do Instituto do Ceará*, a fim de mencionar na bibliografia aquilo que, esparso, publicou Montenegro”. O texto datilografado era acompanhado de uma ficha manuscrita, com informações acerca da morte do biografado, contendo as informações: “J. Arthur Montenegro – Assentamento de óbito N° 159 – Faleceu às 11 horas da manhã de 3 de abril de 1901, de tuberculose pulmonar”, com a “idade declarada 37 anos – atestado passado pelo Dr. Ângelo Dourado; casa mortuária 24 de Maio, 78, Rio Grande – o enterro foi no dia 4, às 10 horas”.

Passada mais de uma década, o nome de Abeillard Barreto voltava à baila na relação com o espólio de Montenegro. Em tal contexto, ficava mais uma vez revelada a considerável relevância do Arquivo José Arthur Montenegro, tanto que, em 1970, por ocasião da efeméride do centenário do encerramento da Guerra do Paraguai, a Marinha solicitou parte do acervo para a organização de uma exposição no Rio de Janeiro. O periódico local *Rio Grande*, único diário citadino na época, após nota destacando tal propósito, trouxe uma matéria de primeira página, divulgando a exposição⁵². A folha não deixava de demonstrar uma certa preocupação junto à comunidade quanto a uma possível dilapidação da Coleção, a qual foi sobrepujada a partir do conhecimento dos promotores do evento, dentre eles o próprio Abeillard Barreto, que então residia no Rio de Janeiro. A notícia veiculada na imprensa revelava que, por ocasião de tais comemorações, Barreto buscou

⁵² RIO GRANDE. Rio Grande, a. 58, n. 5, 5 dez. 1970, p. 1.

novamente levar à frente a edição da obra de Montenegro, a qual, mais uma vez não se confirmaria⁵³.

⁵³ Era o seguinte o conteúdo da matéria jornalística: **Acervo da Biblioteca apreciado no Rio de Janeiro** - Como noticiamos em edição anterior, parte do valioso acervo da Biblioteca Rio-Grandense, tudo o que se refere à Guerra do Paraguai, em sua maior parte compilado por um jovem chamado Montenegro, foi remetido para o Rio de Janeiro, a fim de figurar numa exposição promovida pelo Ministério da Marinha. Vários volumes foram aqui embarcados, por solicitação do capitão de mar e guerra Márcio Pereira de Lyra e do Sr. Abeillard Barreto, nosso conterrâneo, residente na Guanabara, grande colaborador da Biblioteca local. A notícia causou certos receios em nosso meio, quanto à possibilidade de que a Biblioteca viesse a ficar desfalcada em seu valioso acervo, mas como tivemos a oportunidade de dizer, não havia motivo para preocupações, visto que o pedido partira de pessoas altamente credenciadas e, no Rio de Janeiro, todos os cuidados seriam dedicados pelo Ministério da Marinha. Sabe-se agora que a exposição tem data afixada, o “Dia do Marinheiro”, data de nascimento de Tamandaré, no Rio Grande. Acrescente-se [a] vantajosa informação sobre a propaganda de nosso município, que a exposição refere à origem dos documentos, alguns dos quais estão sendo copiados pelo Ministério da Marinha, que vai confeccionar dois catálogos, um de fotografias e documentos, e outro de obras a respeito, selecionadas de cem volumes, dentre os remetidos. Os catálogos serão editados pela Marinha, com referência à Biblioteca local e enviados para instituições culturais do país. A obra inédita *Efemérides da Guerra do Paraguai* deverá ser editada pela Marinha. Os volumes remetidos ao Rio de Janeiro foram já recebidos pelo Sr. Abeillard Barreto e abertos no Ministério da Marinha, encontrando-se tudo na mais perfeita ordem e deverão ser devolvidos logo que termine a exposição.

Era mais uma oportunidade que não se concretizava e os originais manuscritos de Arthur Montenegro voltavam a não conseguir vir a lume, com a edição de livro, mas seu trabalho foi amplamente divulgado, inclusive com a edição de um catálogo, destacando trezentas e quarentas referências bibliográficas e setecentos e nove retratos que foram expostos no Rio de Janeiro. O agradecimento impresso em tal folheto destacava o significado do Arquivo Montenegro e ressaltava a participação de Abeillard Barreto na realização da exposição⁵⁴. Nessa linha, o opúsculo dizia que o “Serviço de Documentação Geral da Marinha agradece à Biblioteca Rio-Grandense a oportunidade de exibir no Rio de Janeiro o magnífico Arquivo José Arthur Montenegro”, que, dentre suas “preciosidades está incluído o maior documentário iconográfico sobre os heroicos combatentes da Guerra do Paraguai existente no país”. Era ressaltado ainda que, “de não menor valor é a notável coleção bibliográfica que naquela casa de cultura está reunida na Estante Arthur Montenegro”, na qual “inúmeras são as raridades que, sobre o sangrento conflito, vêm sendo há muito acumuladas”, o que tornava “a cidade do Rio Grande, um dos mais importantes centros para o seu estudo”. Além disso, o órgão público destacava que não poderia “deixar de agradecer efusivamente ao ilustre historiador Abeillard Barreto, por muitos anos diretor

⁵⁴ EXPOSIÇÃO Comemorativa do Centenário do Término da Guerra do Paraguai (1870-1970). Acervo da Biblioteca Rio-Grandense, Coleção José Arthur Montenegro. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1970. p. 3.

daquela Biblioteca”, ficando a dever-lhe “as gestões para trazer a esta cidade o material ora em exposição”.

Assim, incansável historiador, mormente ao se tratar dos registros de viagem no Rio Grande do Sul, Abeillard Barreto cumpriu também seu papel de intelectual no sentido do reconhecimento da obra e do acervo deixados por José Arthur Montenegro. O esforço de Barreto adveio de sua significativa notoriedade, que lhe guindou à condição de intelectual, uma hierarquia que também foi utilizada como uma estratégia nas lutas por ele empreendidas, de modo que a ação como intelectual lhe conferia igualmente certa influência no campo do poder⁵⁵. Nessa linha, os intelectuais colocam-se em condições de intervir em outros campos de atuação, em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto nível de independência em relação aos poderes, criando até uma certa autonomia neste variado campo de poderes⁵⁶. Seja compondo a sua diretoria, ou mesmo afastado dela, Abeillard Barreto utilizou sua influência intelectual para obter a valorização da Biblioteca Rio-Grandense assim como da Coleção Montenegro e de seu criador, vindo a conseguir significativos resultados quanto a tal intento, a não ser quanto à meta da edição no formato de livro dos manuscritos de Montenegro, revelando os quantos óbices cercavam o mercado livreiro da época, independente de quão notável era o intelectual que sustentava o projeto editorial.

⁵⁵ BOURDIEU, 2007. p. 184 e 186.

⁵⁶ BOURDIEU, 1996. p. 150 e 370.

A Biblioteca Rio-Grandense, Revocata Heloísa de Melo, o *Corimbo* e o Clube Gaspar Martins

Luciana Coutinho Gepiak*

Ao longo de seus cento e oitenta anos de percurso histórico, a Biblioteca tornou-se um dos mais importantes repositórios bibliográficos e documentais do Brasil. Seu acervo compreende uma amplíssima coleção de livros e múltiplos documentos que abrangem variadas áreas do conhecimento humano. Dentre elas estão os múltiplos registros da escrita feminina, notadamente em relação às escritoras rio-grandinas. Em meio a essas representantes da escrita feminina há destaque para Revocata Heloísa de Melo cuja ação literária mais reconhecida foi a edição do *Corimbo*, um

* Doutora em Letras pela FURG (2022), Mestre em Letras pela FURG (2017), Especialista em Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura pela FURG (2014), Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pela UFPEL (2003) e Graduada em Letras - Português pela FURG (2000). É autora de vários livros. É dirigente do Núcleo de Livro, Leitura e Literatura da Secretaria de Município da Cultura e Economia Criativa, da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

dos mais longevos periódicos brasileiros no gênero da imprensa feminina, cujo maior número de exemplares restantes encontra-se na hemeroteca da casa cultural rio-grandina. Por meio do *Corimbo*, Revocata defendeu várias de suas bandeiras de luta, uma delas vinculada ao federalismo e ao combate ao regime castilhistaborgista. Não é para menos que ela participou ativamente do Clube Gaspar Martins, que congregou a oposição federalista no Rio Grande e divulgou as ações da entidade nas páginas de sua revista. As incursões da escritora/jornalista em relação ao citado clube constituem o objeto desta pesquisa.

Revocata Heloísa de Melo nasceu em Porto Alegre em 1853, vindo a morar na cidade do Rio Grande ainda em seus primeiros anos de vida, permanecendo em tal localidade até a sua morte, em 1944. Sua formação literária foi bastante estimulada pelo ambiente familiar, formado por intelectuais, professores e jornalistas. Teve uma carreira bastante longa, que se estendeu desde os anos 1870 até os 1940. Ela foi professora, jornalista, poetisa, prosadora e teatróloga. Escreveu os livros *Folhas errantes* (1882) e, em coautoria com a irmã Julieta de Melo Monteiro, *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911). Atuou como colaboradora em diversos jornais rio-grandenses e brasileiros dos mais variados gêneros, apresentando composições textuais em prosa e verso.

Como intelectual engajada, Revocata de Melo teve uma atuação na defesa da extinção da escravatura, promovendo o ideário abolicionista e chegando a fundar um clube com tal fim. Também no campo social, atuou por meio de campanhas pela imprensa e em sua ação em sociedade beneficente voltadas a atender os carentes, principalmente as mulheres necessitadas e seus filhos.

Uma das mais importantes bandeiras promovidas pela escritora foi em prol da emancipação feminina, defendendo um novo papel social para as mulheres, que deveria ser obtido por meio da educação. Em termos políticos, à época da República Velha, alinhou-se à oposição sul-rio-grandense, promovendo combates contra a ditadura castilhistaborgista que dominou o Rio Grande do Sul por décadas. Como editora, publicou um dos mais importantes representantes da imprensa feminina brasileira, o *Corimbo*, que circulou de 1883 a 1944⁵⁷.

⁵⁷ A respeito de Revocata Heloísa de Melo, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1902, v. 7, p. 128.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 3.ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006. p. 285 e 313.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 564-565.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 464.; KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935. p. 173.; MACHADO, Antônio Carlos. *Coletânea de poetas sul-rio-grandenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1952. p. 185.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 362.; MELO, Luís Correia de. Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944. p. 111.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987, t. 2. p. 168-170.; OLIVEIRA, Américo Lopes de; VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão - Editores, 1967. p. 904.; SCHMIDT, Rita Terezinha. Revocata Heloísa de Melo. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do*

A ação intelectual muitas vezes se associou a outros campos de atuação na carreira de vários literatos. Dessa maneira, “a influência do campo jornalístico sobre os campos de produção cultural se exerce principalmente através da intervenção de produtores culturais situados entre o campo jornalístico e os campos especializados”, como o social, o político, o ideológico, entre outros. Esses “‘intelectuais-jornalistas’ se servem de seu duplo vínculo” para atender às “exigências específicas dos dois universos e para introduzir em cada um deles poderes mais ou menos bem adquiridos no outro”. Desse modo, tais intelectuais se colocam em condições “de exercer dois efeitos principais”, ou seja, “de um lado, fazer adotar formas novas de produção cultural” e, por outro, “em especial através de seus julgamentos críticos”, promover “princípios de avaliação

século XIX. 2.ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 892-902.; e SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 477-478.; SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996. p. 43.; SOUZA, Leal de. *A mulher na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro & Maurillo, 1918. p. 72.; TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. Porto Alegre: Editora Thurmman, 1956. p. 701-702.; VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-riograndense* – autores. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 313.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora e Distribuidora Gaúcha, 1991. p. 152-153.

das produções culturais”, com o uso de sua “autoridade intelectual”⁵⁸.

Ao longo do conjunto de suas vivências intelectuais e, em particular durante o seu amplo percurso na edição do *Corimbo*, Revocata Heloísa de Melo exerce esse papel de intelectual-jornalista, de modo que, ao lado ou junto de sua atuação literária, envolve-se com outros campos da vida em sociedade. Assim, associa o prestígio intelectual que adquire com sua carreira literária, à defesa de outras causas que considera importantes. Nesse sentido, a poetisa, cronista, contista, dramaturga, jornalista e editora passa a também militar na área social e política, em ações que se estenderam por parte ou pela totalidade de sua ação como intelectual. As bandeiras de luta para as quais Revocata destina sua atenção

Na transição do século XIX ao XX, na cidade do Rio Grande, os seguidores do oposicionismo federalista decidiram-se por organizar uma entidade que servisse para que eles se reunissem e buscassem difundir seu ideário, ocorrendo a fundação do Clube Gaspar Martins, entidade na qual Revocata tem participação importante, vindo a divulgar várias de suas atividades nas páginas do *Corimbo*. A criação do Clube Gaspar Martins ocorre a partir da convocação feita pela imprensa, com nota que convidava “todos os republicanos federalistas” a participarem da reunião inaugural. O *Eco do Sul*, aliado dos federalistas, considera “uma grata e alentadora notícia” aquela que “acaba de agitar todos os pensamentos verdadeiramente bem intencionados e ao

⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 111.

serviço honroso da causa sacrossanta pela qual se bate com civismo, constância e coragem, o glorioso Partido Republicano Federalista”⁵⁹.

Para o também oposicionista *Eco do Sul*, “a fundação do Clube Gaspar Martins, na quadra atual, quando as valorosas hostes oposicionistas se compenetraram de que é mister buscar na disciplina e na união a sua força operadora”, o que seria “mais do que uma esperança que irrompe da alma rio-grandense é uma conquista” que busca recuperar “a liberdade foragida”. Por meio da entidade, “os republicanos federalistas terão ensejo de estreitar mais e mais os vínculos da arregimentação, trocando ideias, discutindo fatos, pregando o seu programa político e levantando consciências”⁶⁰.

O mesmo periódico revela que era o momento do federalismo lançar “as bases de uma nova fase de lutas, em prol da reivindicação dos nossos direitos há longos anos espezinhadados pela ditadura brutal que envilece e amesquinha as tradições da lendária terra gaúcha”. Sugere assim que “urge que todos aqueles que se interessam pela felicidade da Pátria e, especialmente, pela redenção do Rio Grande do Sul”, venham a se congregar “fraternalmente em sólida aliança, tendo por abrigo a ampla e sempre generosa bandeira republicana federalista”. Considera que a nova instituição “trata-se da arregimentação do nosso poderoso núcleo partidário”, importando, “por conseguinte no encaminhamento da vitória da liberdade”⁶¹.

⁵⁹ ECO DO SUL, Rio Grande, 2 dez. 1902, a. 48, n. 227, p. 1.

⁶⁰ ECO DO SUL, Rio Grande, 2 dez. 1902, a. 48, n. 227, p. 1.

⁶¹ ECO DO SUL, Rio Grande, 2 dez. 1902, a. 48, n. 227, p. 1.

A notícia sobre a primeira reunião foi descrita pelo *Eco do Sul* como “indescritível, pela concorrência extraordinária, pelo admirável entusiasmo, pela harmônica identificação de sentimentos e pelo grande júbilo que se lia em todas as fisionomias”. O jornal revela que “o teatro estava repleto”, estando a plateia tomada não só pelos republicanos federalistas, mas também por “numerosos populares que davam também, por meio de aclamações vibrantes, as mais eloquentes demonstrações do seu regozijo e do seu entusiasmo pela grande causa da nossa pujante coletividade política”⁶². Todos os atos e a formação da primeira diretoria foram noticiados não só pelo *Eco do Sul*, como pelos demais diários rio-grandinos⁶³.

Em seus Estatutos, o Clube Gaspar Martins se apresenta como “uma agremiação genuinamente política”, cujas finalidades são “propagar, difundir e realizar o conjunto de ideias que constituem o programa do Partido Federalista Sul-Rio-Grandense”; promover o culto “à memória do benemérito patrício, cujo glorioso nome, adotado pelo Clube, é por si uma bandeira de combate e de vitória”; e “tratar de quaisquer questões e assuntos que, direta ou indiretamente, interessem à nossa amada Pátria”⁶⁴.

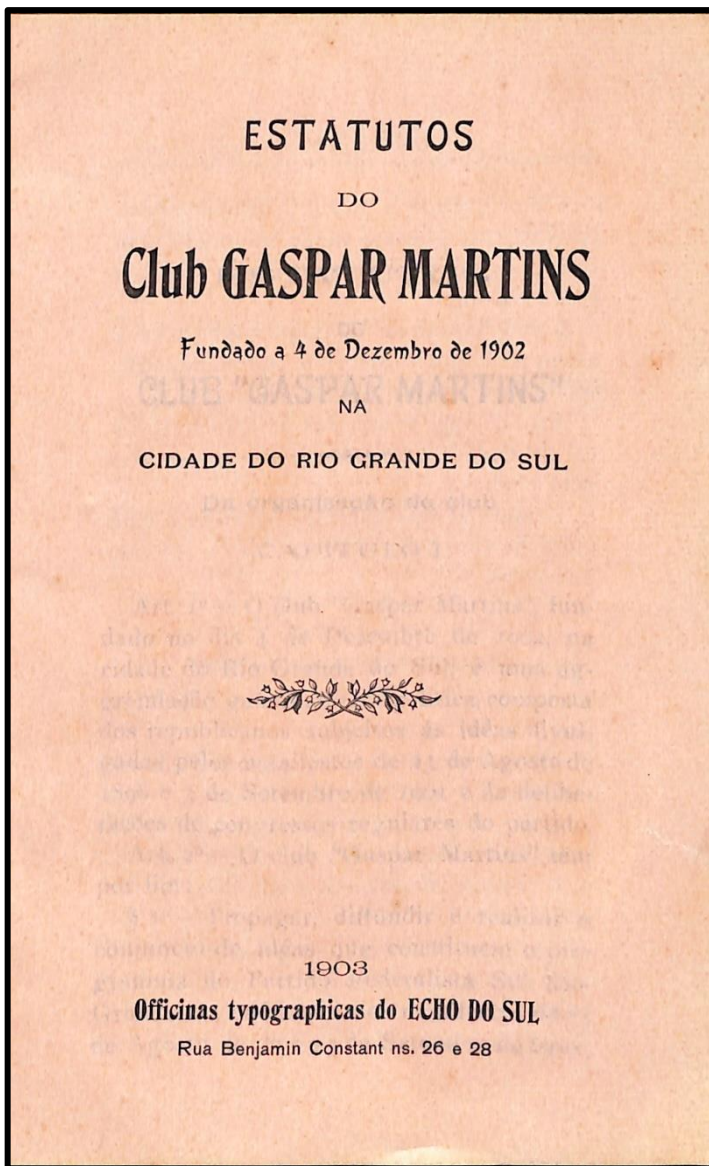
⁶² ECO DO SUL, Rio Grande, 5 dez. 1902, a. 48, n. 230, p. 1.

⁶³ ARTISTA, Rio Grande, 5 dez. 1902, a. 41, n. 278, p. 2.; DIÁRIO DO RIO GRANDE, Rio Grande, 5 dez. 1902, a. 55, n. 14.794, p. 2.

⁶⁴ ESTATUTOS DO CLUBE GASPAR MARTINS. Rio Grande: Oficinas Tipográficas do *Eco do Sul*, 1903, p. 3-4.



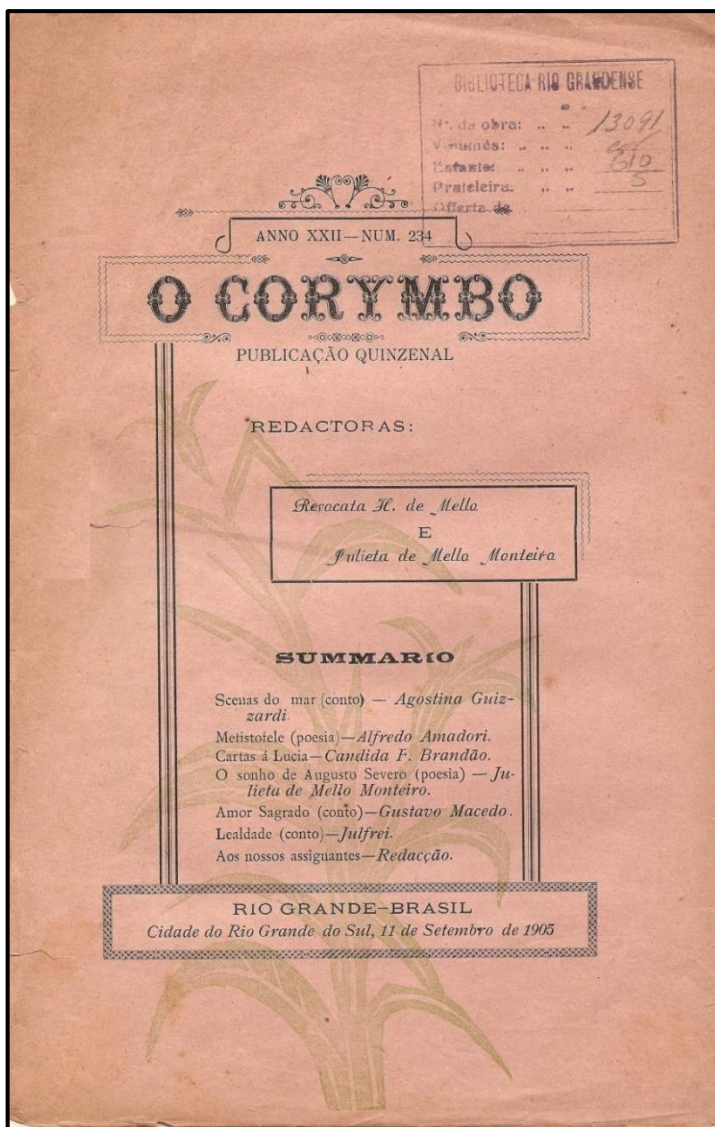
Capa dos Estatutos do Clube Gaspar Martins



Folha de rosto dos Estatutos do Clube Gaspar Martins

A redatora do *Corimbo* anuncia com entusiasmo a realização de uma reunião deste “pujante grêmio”, visando a comemorar o “terceiro aniversário da morte do ilustre brasileiro e abnegado patriota Gaspar Silveira Martins”. A atividade foi qualificada como “uma imponente solenidade revestida de todos os requisitos precisos a torná-la digna da homenagem que significava”. Em seguida, Revocata passa a descrever a comemoração, dizendo que “o intemerato Clube Gaspar apresentava um aspecto lindíssimo, desde a entrada e à tribuna levantada junto ao esplêndido retrato do grande morto”, constituindo “um primor de gosto e arte, habilmente confeccionada com palmas e camélias brancas e vermelhas”, além da presença de uma “simbólica pintura”. Prosseguindo na descrição, afirma que “por toda a parte predominava o branco e vermelho, bem como a sublime divisa – *Tudo pela liberdade*”, além de fazer referência ao fato de que “a concorrência de sócios e convidados foi imensa, havendo avultado número de senhoras”. Houve a presença de “esplêndida orquestra” e discurso que “historiou com toda a verdade e eloquência a gloriosa existência do preclaro rio-grandense”. Também aconteceu a manifestação oratória de outros presentes, dentre eles a própria Revocata Heloísa de Melo, a qual, ao final do texto, exclama: “Honra ao Clube Gaspar Martins”⁶⁵.

⁶⁵ CORIMBO, Rio Grande, 31 jul. 1904, a. 21, n. 239, p. 4.



Padrão editorial do *Corimbo* do período entre 1905 e 1908

Outra solenidade organizada pela entidade federalista foi noticiada pelo *Corimbo*, ao ressaltar “magnífica esteve a sessão” realizada pelo Clube Gaspar Martins, “este patriótico e pujante grêmio político”, que se reuniu para promover comemoração “em honra à data da paz firmada e como glorificação aos heróis de 93”, em clara atitude de adesão à causa dos revolucionários. Mais uma vez a sessão era descrita, com a nota de que “o salão de honra, com o seu aspecto sempre vivamente impressionável, apresentava um lindo troféu em homenagem aos bravos combatentes dessa memorável luta, achando-se repleto de senhoras e cavalheiros”. Houve o pronunciamento de discursos, todos considerados eloquentes e fundamentados, tendo um deles “acentuado com muita felicidade e critério as mais exemplificadoras passagens de heroísmo do invencível exército libertador”⁶⁶.

Mantendo o enfoque elogioso, Revocata de Melo narra mais uma atividade do Clube Gaspar Martins, dizendo que “esteve imponente a sessão glorificadora que esta pujante agremiação realizou” para solenizar “o décimo aniversário da desapareição do redivivo de Campo Osório, o adorável patriota almirante Saldanha da Gama”. A solenidade foi composta de uma série de discursos proferidos por lideranças políticas e jornalistas vinculados ao federalismo. Além disso, a redatora descreve “o brilhante troféu levantado na sala de honra do Clube, de onde se destacava um belo retrato de Saldanha da Gama”⁶⁷.

⁶⁶ CORIMBO, Rio Grande, 1 set. 1904, a. 21, n. 241, p. 4.

⁶⁷ CORIMBO, Rio Grande, 6 jul. 1905, a. 22, n. 230, p. 7-8.

Ainda em outra oportunidade o *Corimbo* cobria “uma imponente sessão glorificadora” na qual “comemorou o pujante Clube Gaspar Martins o quarto aniversário do passamento do ilustre estadista e amado chefe do valoroso partido federalista, Gaspar Silveira Martins”. De acordo com o jornal, “o ato, vivamente patriótico, esteve muitíssimo concorrido”, contando com um discurso de abertura pronunciado com “frases cheias de ardoroso civismo, relembrando o mais ilustre e o mais popular dos filhos deste valoroso Estado”. Outro orador, por sua vez, discorreu “sobre os mais importantes pontos da vida política do glorioso chefe”. Dentre os demais discursos apresentados, esteve, mais uma vez, o da própria Revocata de Melo⁶⁸.

Mais de uma década depois, o periódico divulga que a entidade possuía uma nova diretoria, opinando que fora “imensamente grato reconhecer que o valente Clube” poderia retomar a “época de tanto brilhantismo”, as “fases verdadeiramente gloriosas sob o afervorado culto à memória de seus inesquecíveis chefes que tombaram no seio da eternidade, antes de chegar à definitiva vitória”. A folha também se congratula pelo Clube ter “à sua frente distintos membros da nossa melhor sociedade, e ainda, uma mocidade cheia de entusiasmo e patriotismo”, que viria a esforçar-se “para que a bela agremiação federalista reviva seus eloquente cultos, honrando seu formoso passado”. Manifesta ainda o desejo de que fosse restabelecido o espírito daquela “galeria de heróis e de lutadores pelo grande ideal de Gaspar Martins”, promovendo a vibração da “alma gaúcha, levantando os ânimos, sacudindo as energias,

⁶⁸ CORIMBO, Rio Grande, 3 ago. 1905, a. 22, n. 232, p. 7-8.

desdobrando ante nosso espírito” os “feitos e datas que ficarão indeléveis, passando de geração em geração”. Finalmente, declara que “a mocidade que ali vai dobrar o joelho pela sagrada divisa *Tudo pela liberdade*, certamente há de saber lutar pelos brios desse templo de patriotismo”, no qual “o glorioso tribuno rio-grandense como que lhe aponta o caminho da justiça e do dever”⁶⁹. A ideia da renovação do “altivo Clube Gaspar” volta a ser expressa pelo *Corimbo*, ansioso pela retomada do “passado tão brilhante, tão cheio de revelações de civismo, tendo recebido em seu seio tantos esforços, tantas dedicações de abnegados companheiros”⁷⁰.

⁶⁹ CORIMBO, Rio Grande, 30 mar. 1917, nova fase, n. 81, p. 3.

⁷⁰ CORIMBO, Rio Grande, 30 dez. 1917, nova fase, n. 99, p. 4.

CORYMBO



Publicação quinzenal



Redactoras : Revocata H. de Mello e Julieta de Mello Monteiro

NOVA PHASE

RIO GRANDE DO SUL, 15 DE OUTUBRO DE 1919

NUMERO 140

O CORYMBO
*transpando a 21 do corrente,
novo marco de vida, saúda
reverente seus Illustres Collegas,
distinctissimos Collaboradores,
caros Amigos e amáveis
assignantes.*

Bandeirante da Patria

Para o 1º tenente Oliveira Duro

A promoção a general do illustre coronel Mariano Rondon equiva-
le, nesta data, a uma grande vitória,
a um grande acto de verdade-
dadeira justiça.

Rondon, como os paulistas dan-
tinhos, é o grande bandeirante da
Patria.

Seu nome sóa, nestes sombrios
pontos do direito, com a ascri-
ção navrónica de uma nobreza
de progresso.

Rondon, distincto official do
glorioso Exercito da nossa extre-
meidade Patria, relembra a silhu-
eta de Anchieta acolchada a in-
telexa de Bartholomeu dos Mar-
tyres.

É um devoto e um conquista-
dor: devotado á grandeza da
raça, conquistador na mais lata
acepção do termo, dentro dos al-
tos estadios da paz.

Mergulhou no deserto, afundou
nas catigas, vadeou rios insalub-
res: e, novo Apostolo do Na-
sareto, alargou a nossa expansão
geographica, plottou o nosso la-
bar na obscurida abscindida da
floresta e fez estinguir no espago,
businando victorias, a serena al-
deia da Patria.

Na Hyle portentosa do Ama-
zonas, nessa columna d'agua do
diferido, consante a phrase lapí-
da de Chateaubriand, Rondon
trouxe á estacada, emergido da
escuridão que assombrava Wal-
lace, a portentosa esbriatura,
acrobacia do esforço.

Novo Miguel Angelo, como as
abelhas da Attica, deu vida, as-
sombando Pithagoras, ás in-
findaveis corporaturas de outros
Moyrés.

Rondon, o bravo coronel até
agora quasi desconhecido na me-
tropole do nosso paiz, tem pela
sua valia e pelo seu esforço largo
acervo de serviço á dentro da
propria Historia.

O Amazonas, esse immenso
mar que assombrára o genio
de Humboldt, era um clima ter-
roroso, um trecho bravo, uma pa-
ragem calumniada, segundo o for-
midavel aserto do grande Eu-
clydes da Cunha.

Esse bravo militar, honra da
nossa raça e gloria da sua estirpe,
entrou pelos sertões a dentro e,
como o glorioso legislador de
hebreus, a terra esquecida da
Amazonia abriu-se em mósse de
gloria premiando o esforço sem
igual do filho generoso.

Os typos sertões longinquos
da Patria, a terra abertosa e fe-
cunda palmilhada, pugnaçissima
e tenazmente, pelo desprendimen-
to de Rondon, tem sempre o con-
dão de prender, na epopeia da sua
belleza, os maiores sabios da Eu-
ropa.

Segundo um immortal scientis-
ta allemão o Amazonas, esse pro-
digio de riqueza, essa taleiga fe-
ríz e fartissima, nasceu num sup-
picio de Niobe, das geogenicas
convulsões que abalarão os An-
des.

Dahi, como Laocoon, a sua
ancia insoffrida de atrahir e es-
magrar.

Sentiram-lhe a grandeza e pas-
saram ante a estupenda fertilida-
de que lhe embala o seio os al-
tos espiritos de Enclydes da Cu-
nha, Couto de Magalhães, Hum-
boldt, Frederico Hartt, Emilio
Goeldi, Wallace, d'Orbigny, Mar-
tins, Bates, Agassiz e tantos ou-
tros.

Só Rondon, o bandeirante da
Patria, procurou-lhe os recessos,
sondoulhe o palpal do seio, e
entregou-lhe a estrutura, rasga-
de impereza, limpida, batida e

fecunda, cortada de communica-
ções saúda de miasmas, no pos-
sante arcanbouço da nossa nacio-
nalidade.

Só elle, Rondon, o palmilha-
dor do deserto, andarilho da glo-
ria, nos fez a nós, brasileiros,
conhecer o Amazonas!

Quem tem Barbede, Ilha Mo-
reira, Moraes Castro, etc., não pô-
de prescindir, para elevar a mes-
ma galeria, do perfil desse ou-
tro Aníbal, obstinado e tenaz
que é Mariano Rondon.

Justitia quæ sera tamen.

Bem dita a hora em que se re-
cordaram os politicos da nossa
Patria!

Guerra Victoria

A verdadeira grandeza do ho-
mem consiste no exercicio de suas
faculdades intellectuaes; e a ver-
dadeira liberdade na soberania da
intelligencia. — FLAMMARION.

As borboletas

São tão bonitas! Cores, inquietas
abrindo ao sol as asas multicores,
—almas gentis de visionarios poetas,
sonham errantes no paiz das flores...

Vivem do mel, e as rosas e violetas
flores, num beijo, o mel de seus amores!
Voam, voam, lindas borboletas
de sol prateavel nos esplendores.

A alvorada dos typos logo em breve,
do inverno a noite fria como o neve,
as asas de setim pôde arestar.

Flores volantes, que vivais de olores,
tambem minh'alas já vivem de amores,
de ombos, de carinhos e de Luar.

EMILIANA DELREIXO

O amor desconhece classes: não
é plebeu, nem aristocrata. No seu
dicionario aristocracia é synoni-
mo de belleza. — MAREJO.

A proximidade do Clube Gaspar Martins com o *Corimbo* fica bastante expressa no artigo “Expressiva homenagem”, cujo conteúdo informa que o “patriótico Clube, brevemente, em data assinalada para o glorioso federalismo”, viria a inaugurar, “na sala de honra daquela valente agremiação, o retrato do nosso pranteado irmão Romeu dos Passos Melo”. A respeito do homenageado, o periódico declara que “foi realmente um abnegado soldado desse pujante partido político, que teve como fundador o grande tribuno e laureado rio-grandense Gaspar Silveira Martins”, apontado como “uma das maiores grandezas intelectuais da Pátria brasileira”. Diz também que “foi Romeu Melo em verdade um dos mais esforçados fundadores do alevantado Clube”, dando-lhe “o melhor de suas energias, o extremo de seus serviços e dedicação”, o que só ampliava “a expressiva homenagem que lhe vão prestar companheiros de crenças, soldados das mesmas indômitas fileiras e servidores da causa santa do federalismo”, que permaneciam “na luta com a alma banhada de esperanças, prontos a todos os embates e sacrifícios”⁷¹. A própria Revocata teve o quadro com o seu retrato fixado no rol dos federalistas ilustres do Clube Gaspar Martins.

⁷¹ CORIMBO, Rio Grande, 15 maio 1917, nova fase, n. 84, p. 3.



**Retrato de Revocata de Melo colocado junto ao Clube
Gaspar Martins**

Quanto à manifestação de sua posição política no combate ao castilhismo-borgismo, Revocata, no que foi acompanhada por sua irmã Julieta, “ao passo que a maior parte dos intelectuais anticastilhistas utilizou a prática de vociferar contra as lideranças republicanas e seus sectários”, adota “um estilo diferenciado”, pois, “embora também chegasse a incorrer com veemência em tons exclamativos e exortativos”, tece “as críticas aos

adversários sem lhes citar os nomes, lançando mão de recursos discursivos como a ironia para atacá-los”. Além disso, não foram poupados esforços “para elogiar a ação e honrar a memória dos líderes federalistas, visando a demarcar o papel da agremiação como digna representante da liberdade dos sul-rio-grandenses”⁷².

O engajamento de Revocata de Melo em relação às bandeiras de luta que decide defender vem ao encontro do fato de que os literatos “entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião”, de modo que, escrever em periódicos “era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicitar ideias, de divulgar obras, de defender ideologias, de travar polêmicas diversas” e de “participar ativamente na construção da esfera pública”. Assim, os “escritores movimentaram-se simultaneamente no mundo da literatura e no dos jornais”, a partir de uma verdadeira “sobreposição dos campos literário e jornalístico”, com a “presença constante do escritor-jornalista nas páginas dos periódicos”, participando “ativamente na elaboração e direção” das publicações⁷³.

Ao atuar no campo político, social e ideológico, o escritor se “conduz a objetivar não apenas as posições às quais se opõe no campo e aqueles que as ocupam, mas

⁷² ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil*: Julieta de Melo Monteiro – poetisa, editora e militante. Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2018. p. 125.

⁷³ PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427-429

também, através do sistema das relações que o une às outras posições” e a “todo o espaço no qual ele próprio está incluído” e, “portanto, sua própria posição e suas próprias estruturas mentais”. A partir da “autonomia no campo intelectual”, torna-se “possível o ato de um escritor que, em nome das normas próprias do campo literário”, passa a intervir no campo político e social, “constituindo-se, assim, como intelectual”. Neste sentido, tal intervenção se dá “em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes”⁷⁴. Dessa maneira, Revocata reúne no conjunto de sua atuação a escritora, a jornalista, a editora e a militante, e através de seu reconhecimento intelectual, promove verdadeiras batalhas pelas causas que escolhe abraçar. O acervo da Biblioteca Rio-Grandense – que reúne os livros publicados por Revocata, o maior número de exemplares que restaram do *Corimbo*, o Estatuto do Clube Gaspar Martins e os representantes da imprensa local à época da criação do mesmo – permitiu a realização deste ensaio.

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 124 e 150.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO)** de Estudos Globais da **Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



ISBN: 978-65-5306-148-4